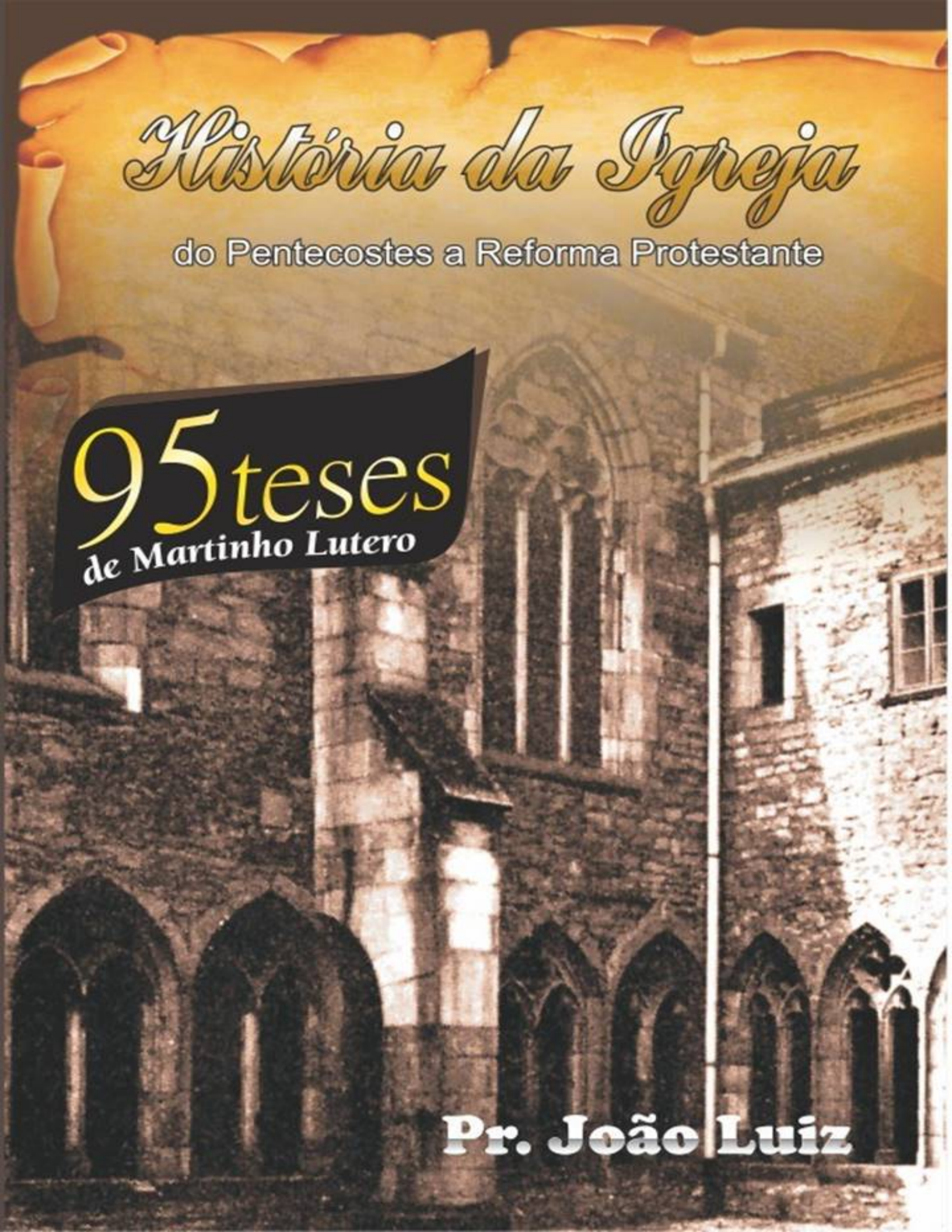
História da Igreja

do Pentecostes a Reforma Protestante

95 teses de Martinho Lutero



Pr. João Luiz

INTRODUÇÃO

HISTÓRIA DA IGREJA, DO PENTECOSTES A REFORMA PROTESTANTE, é um resumo histórico dos fatos ocorridos desde seu princípio no dia da festa de Pentecostes em Jerusalém, sua trajetória e sobrevivência durante os governos imperiais. Você vai conhecer a expansão da igreja, que através da morte de Estevão, seus membros foram dispersos de Jerusalém, que muito contribuiu para formação de outras igrejas em várias cidades entre os gentios. O livro muito contribuirá para a viva interpretação do capítulo 15 de Atos dos Apóstolos, quando os dirigentes das igrejas entre os gentios e judeus, reuniram para o primeiro concílio no ano 50 em Jerusalém, a fim de acertar e colocar em prática a ordem doutrinária das igrejas existentes. Não poderia deixar de relatar a grande influência do imperador Constantino, sua conversão ao cristianismo, o Edito de Tolerância aos cristãos, e perseguição aos pagãos. Relatamos de forma sucinta a vida de Martinho Lutero, sua coragem e desafio ao papa Leão X, quando lançou a venda de indulgências. No final do livro você vai conhecer na íntegra, as noventa e cinco teses fixadas por Martinho Lutero, na porta da igreja em que era monge, na cidade de Winttemberg na Alemanha. Esperamos em Deus, que a publicação do livro "HISTÓRIA DA IGREJA", muito contribuirá aos amantes da Bíblia Sagrada; sendo ela a base e fonte de inspiração dos cristãos. Agradeço a Deus, por mais essa obra!

Pr. João Luiz

INÍCIO DA IGREJA

DIA DA FESTA DE PENTECOSTES

A igreja teve seu início no dia da festa de Pentecostes. Era a
determinou ao povo
festa comemorada conforme Deus de Israel: Ex 34.22,26 - *Também*

guardarás a festa das semanas, que é a festa das primícias da sega do trigo, e a festa da colheita no fim do ano. As primícias dos primeiros frutos da tua terra trarás à casa do SENHOR teu Deus; não cozerás o cabrito no leite de sua mãe." (no dia seguinte após a páscoa). Nos versículos referenciados falam de uma festa que sua comemoração era realizada sete semanas depois da páscoa, isto é, contava-se 49 dias depois da páscoa, acrescentavam-se mais um dia para seu início. A mesma festa é conhecida por três nomes: 1º) Festa das primícias, era o oferecimento a Deus dos primeiros cachos de trigo da colheita que ia começar, os cachos ou molho do trigo era apresentado ao sacerdote em Jerusalém. 2º) Festa das semanas, para agradecer a Deus pela colheita, que no final de sete semanas ou 49 dias era realizada. **Obs:** completando os 49 dias, a festa era comemorada no dia seguinte, ou seja nos 50 dias depois da páscoa. 3º) Festa de **Pentecostes,** é uma palavra grega, para designar 50º qüinquagésimo ou cinqüenta dias depois da páscoa. A compreensão do texto do livro de Atos capítulo 2 deixa claro que pentecostes não é o batismo com Espírito Santo como muitos assim pensam, mas, o dia festivo conforme está na Bíblia: At 2.1 *E, Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar.* Os relatos esclarecedores têm por objetivo orientar a realidade do acontecimento, sem invalidar o poder de Deus e o batismo com Espírito Santo. O batismo ocorreu no dia em que todos comemoravam a festa de pentecostes.

Na manhã do dia de Pentecostes, enquanto os seguidores do Senhor Jesus, cento e vinte ao todo estavam reunidos, orando quando o Espírito Santo veio sobre eles de forma maravilhosa, um som parecido com vento e encheu toda a casa: At 2.2 - *E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados.* Ora, há um descuido de certas pessoas, quando empolgadas em suas retóricas expressam que, a casa foi cheia de um vento; a realidade bíblica não versa assim, mas, diz "**som**como de um vento". A igreja teve seu início na cidade de Jerusalém, evidentemente que nos primeiros anos de sua história cerca de dois ou três anos, as atividades da igreja limitava-se àquela cidade e arredores. Todos os membros da igreja eram judeus, a evidencia desse fato pode perceber, nenhum de seus membros, bem como nenhum de seus integrantes da companhia apostólica, a princípio podia crer que os gentios fossem admitidos como membros da igreja. Seu idioma era

chamado de “língua hebraica”, a qual no decorrer dos séculos, havia mudado de hebreu clássico do Antigo Testamento para o dialeto chamado Siro-Caldaico. Os judeus gregos ou helenistas eram descendentes dos judeus da dispersão, isto é, judeus cujo lar ou antepassados estavam em terras estrangeiras. Os prosélitos eram pessoas não descendentes de judeus, as quais renunciavam o paganismo, aceitavam a lei judaica e passam a pertencer ao judaísmo, recebendo o rito da circuncisão. Cristo reprovava a atitude dos fariseus, procurando discipular pessoas ao proselitismo: Mt 23.15 *Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito; e, depois de o terdes feito, o fazeis filho do inferno duas vezes mais do que vós.* Os prosélitos eram encontrados em muitas sinagogas em todas as cidades do império romano e gozavam de todos os privilégios do povo judeu. Veja que um dos sete escolhidos para ajudar na administração dos bens da igreja em Jerusalém, havia um prosélito: At 6.5 - *E este parecer contentou a toda a multidão, e elegeram Estevão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, e Filipe, e Prócoro, e Nicanor, e Timão, e Parmenas e Nicolau, prosélito de Antioquia.* Os devotos ou tementes a Deus; estes eram gentios, que deixaram de adorar os ídolos e freqüentavam as sinagogas, porém, não participava do rito de circuncisão, nem se propunham em observar as minuciosas exigências da lei judaica. A leitura dos primeiros seis capítulos do livro dos Atos dos Apóstolos dá a entender que durante esse período o apóstolo Simão Pedro era dirigente da igreja. Era uma igreja comparativamente pequena em número, todos da mesma raça, todos obedientes à vontade do Senhor, todos na comunhão do Espírito Santo de Deus, conforme registra o texto bíblico: At 5.13 - *Dos outros, porém, ninguém ousava ajuntar-se a eles; mas o povo tinha-os em grande estima.* As conversões dos judeus se davam através dos milagres realizados pelos apóstolos, esse era o motivo principal das conversões: At 5.14,15 *E a multidão dos que criam no Senhor, tanto homens como mulheres, crescia cada vez mais. De sorte que transportavam os enfermos para as ruas, e os punham em leitos e em camilhas para que ao menos a sombra de Pedro, quando este passasse, cobrisse alguns deles.* Nessa época, os mais ricos davam suas propriedades de forma tão liberal que leva sugerir o socialismo radical na comunhão dos bens: At 2.44,45 - E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e bens, e repartiam com todos, segundo cada um havia de mister. A experiência surgiu com a expectativa da volta do Senhor Jesus.

Como experiência financeira foi um fracasso, pois a igreja de Jerusalém ficou tão pobre, que durante uma geração se recolhiam ofertas de outras igrejas para suprir as necessidades daqueles irmãos: Rm 15.26 *Porque pareceu bem à Macedônia e Acaia fazerem uma coleta para os pobres dentre os santos que estão em Jerusalém.* De modo geral, a igreja Pentecostal era poderosa na fé e no testemunho, pura em seu caráter e abundante em amor; permanecendo em seu território, quando devia ter saído para outras terras. Foi necessário o surgimento da severa perseguição, para que se decidisse a ir a outras nações e desempenhar sua missão mundial e assim aconteceu mais tarde com a morte de Estevão.

DIFUSÃO DA IGREJA CRISTÃ

Desde a morte de Estevão 35 d.C. Até ao Concílio de Jerusalém 50 d.C.

Geralmente os leitores da Bíblia ao depararem com a morte de Estevão, extraem do texto bíblico as dores de Estevão, o perdão aos malfeitores que os apedrejavam, contudo passam despercebidos que a morte desse homem de Deus foi um marco muito importante para a propagação do Evangelho aos gentios. Aqui começa uma nova etapa da história da igreja cristã que, apesar de curta; apenas quinze anos, contudo é de grande significado para todos os cristãos. Nessa época decidiu-se a importantíssima questão se o cristianismo devia continuar como uma obscura seita judaica, ou se devia transformar-se em igreja cujas portas seriam abertas para o mundo dos gentios que queriam se converter ao cristianismo. Já vimos que a proclamação do Evangelho estava restrita somente à cidade de Jerusalém e aldeias vizinhas; os membros da igreja cristã eram todos israelitas por nascimento e outros por adoção. Na igreja de Jerusalém surgiu uma queixa contra o critério adotado na distribuição de auxílio aos pobres, as famílias dos judeu-gregos ou helenistas eram prejudicadas. Os apóstolos convocaram a igreja e propuseram a escolha de uma comissão de sete homens para cuidarem dos assuntos de ordem material: At 6.1-3 *Ora, naqueles dias, crescendo o número dos discípulos, houve uma murmuração dos gregos contra os hebreus, porque as suas viúvas eram desprezadas no ministério cotidiano. Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de constituamos sobre este*

importante Estevão entre os escolhidos, foi o primeiro membro da igreja a ter uma visão do Evangelho para os gentios, e por causa desse ideal, levou-o ao martírio. Saulo assistiu e participou do apedrejamento de Estevão: At 7.58 *E, expulsando-o da cidade, o apedrejavam. E as testemunhas depuseram as suas capas aos pés de um jovem chamado Saulo.*

Logo em seguida, Saulo tornou-se um terrível perseguidor da igreja de Deus, fazendo prisioneiros os seus membros: At 8.3 *E Saulo assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão.* Tal perseguição levou os membros da igreja se dispersar por todos os lados, e por onde eles passavam (fugidos) anunciavam a palavra de Deus: At 8.4 *Mas os que andavam dispersos iam por toda à parte, anunciando a palavra.* Aí, está a verdadeira razão da expansão da igreja fora de Jerusalém, em cumprimento da palavra do Senhor Jesus ao dizer: At 1.8 *Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra.*
sabedoria, aos quais

negócio. Parece que Na lista dos sete nomes escolhidos, além de Estevão, encontramos também Filipe, por causa da perseguição refugiou-se para Samaria um povo desprezado pelos judeus, muito embora os samaritanos era um povo da mesma linhagem de Israel. O fato significativo de Filipe começar a pregar o Evangelho aos samaritanos demonstra que ele se havia libertado do preconceito dos judeus, motivo que Filipe estabeleceu uma igreja em Samaria, a qual foi reconhecida pelos apóstolos. Pedro e João: At 8.14 *Os apóstolos, pois, que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João.* Foi essa a primeira igreja estabelecida fora do círculo judaico; contudo não era exatamente uma igreja composta de membros genuinamente gentios. Mais tarde encontramos Filipe a pregar e a estabelecer igrejas nas cidades costeiras de Gaza, Jope e Cesaréia. Pedro em uma de suas viagens relacionadas com inspeção da igreja chegou até Jope, cidade no litoral. Ali, Tabita ou Dorcas foi ressuscitada, nessa cidade Pedro permaneceu algum tempo em companhia de outro Simão o curtidor. At 10.5,6 *Agora, pois, envia homens a Jope, e manda chamar a Simão, que tem por sobrenome Pedro. Este está com um certo Simão curtidor, que tem a sua casa junto do*

mar. Ele te dirá o que deves fazer. Fato de Pedro sendo judeu, permanecer em companhia de um curtidor, significava que se libertara das restritas regras dos costumes judaico, pois todos os que tinham o ofício de curtidor eram considerados imundos pela lei cerimonial. Foi em Jope que Pedro teve a visão do que parecia ser um grande lençol que descia, no qual havia todos os animais. At 10.11-15 *E viu o céu aberto, e que descia um vaso, como se fosse um grande lençol atado pelas quatro pontas, e vindo para a terra. No qual havia de todos os animais quadrúpedes e répteis da terra, e aves do céu. E foi-lhe dirigida uma voz: Levanta-te, Pedro, mata e come. Mas Pedro disse: De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda. E segunda vez lhe disse a voz: Não faças tu comum ao que Deus purificou.* A visão de Pedro foi realmente para quebrar o preconceito judaico, em achar que a salvação era somente para os judeus, os gentios eram desprezados e considerados imundos pelos judeus e pela igreja primitiva. Nessa época chegaram a Jope mensageiros de Cesaréia, que fica cerca de quarenta e oito quilômetros ao norte, e pediram a Pedro que fosse instruir a Cornélio, um oficial romano temente a Deus. Pedro atendeu ao pedido dos mensageiros e ao chegar à casa de Cornélio eles (gentios) também receberam o batismo com Espírito Santo, como aconteceu no Dia de pentecostes. At 10.44 *E, dizendo Pedro ainda estas palavras, caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra.* A ida de Pedro a casa de Cornélio, desagradou aos apóstolos da igreja em Jerusalém, os quais reprovaram a atitude de Pedro ir à casa de um incircunciso, conforme o texto bíblico diz: At 11.1-3 *E ouviram os apóstolos, e os irmãos que estavam na Judéia, que também os gentios tinham recebido a palavra de Deus. E, subindo Pedro a Jerusalém, disputavam com ele os que eram da circuncisão. Dizendo: Entraste em casa de homens incircuncisos, e comeste com eles.* Pedro relatou para os apóstolos a visão dos animais, detalhou o motivo em atender a voz de Deus. At 11.18 *E, ouvindo estas coisas, apaziguaramse, e glorificaram a Deus, dizendo: Na verdade até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida.* Mesmo assim, havia certa dúvida sobre a salvação dos gentios, visto que relata o versículo a seguir: At 11.19 *E os que foram dispersos pela perseguição que sucedeu por causa de Estevão caminharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a palavra, senão somente* Estevão, os fugitivos que *aos judeus.* Com a morte de

foram para Antioquia da Síria, freqüentavam e davam seus testemunhos nas sinagogas que, o Senhor Jesus era o Messias prometido. Em todas as sinagogas havia um local separado para os adoradores gentios e muitos aceitavam a Cristo. Quando a notícia chegou a Jerusalém, que havia um bom número de crentes, a igreja ficou alarmada e enviou um representante para examinar as relações dos judeus com os gentios. Felizmente, e para o bem de todos, a escolha do representante recaiu sobre Barnabé, homem de idéias liberais, coração generoso, e lá endossou a atitude dos crentes dali, e permaneceu em Antioquia: At 11.20,22 - *E havia entre eles alguns homens cíprios e cirenenses, os quais entrando em Antioquia falaram aos gregos, anunciando o Senhor Jesus. E chegou a fama destas coisas aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém; e enviaram Barnabé a Antioquia.* Vendo a prosperidade do trabalho e a necessidade de um dirigente cheio do Espírito Santo, decidiu buscar a Paulo que estava em Tarso que distava cerca de 160 quilômetros. At 11.25 *E partiu Barnabé para Tarso, a buscar Paulo; e, achando-o, o conduziu para Antioquia.* Trouxe, porém, Paulo para Antioquia, e foi seu companheiro na obra do Evangelho, cidade em que pela primeira vez, os seguidores de Cristo foram chamados de cristãos, nome dado não pelos judeus, mas pelos gregos, e somente três vezes mencionado no Novo Testamento. Em todas as sociedades ou comunidades organizadas, há sempre duas classes de pessoas, os conservadores, olhando para o passado; os progressistas, olhando para o futuro. Assim aconteceu naqueles dias; os elementos ultra judeus da igreja sustentavam que não podia haver salvação fora de Israel. Por essa razão diziam, todos os discípulos gentios deviam se circuncidar e observar a lei judaica, motivo que levou Paulo circuncidar a Timóteo: At 16.1-3 *E chegou a Derbe e Listra. E eis que estava ali um certo discípulo por nome Timóteo, filho de uma judia que era crente, mas de pai grego. Do qual davam bom testemunho os irmãos que estavam em Listra e em Icônio. Paulo quis que este fosse com ele; e tomando-o, o circuncidou, por causa dos judeus que estavam naqueles lugares; porque todos sabiam que seu pai era grego.* Entretanto, os mestres progressistas encabeçados por Paulo e Barnabé, declaravam que o Evangelho era para os judeus e para os gentios, sobre a mesma base de fé em Cristo, sem levar em conta as Leis judaicas. I Co 7.18-20 *É alguém chamado, estando circuncidado? Fique circuncidado. É alguém chamado estando incircuncidado? Não se circuncide. A circuncisão é nada e a incircuncisão nada é, mas, sim, a observância dos mandamentos*

de Deus. Cada um fique na vocação em que foi chamado. Entre os dois grupos, surgiu então uma controvérsia que ameaçou dividir a igreja. Para dirimir tal questão, finalmente realizou-se um concílio em Jerusalém no ano cinquenta, para resolver o problema das condições e como ficariam os membros gentios e estabelecer regras para a igreja no futuro. Convém registrar que esse concílio estivera representado não somente os apóstolos, mas também os anciãos e toda a igreja, cujas decisões veremos a seguir.

1º CONCÍLIO NO ANO 50

Igreja entre os gentios 50 d.C. Até Martírio de Paulo 68 d.C.

Por decisão do concílio realizado em Jerusalém, a igreja ficou com liberdade para iniciar uma obra de maior vulto, destinada a levar o evangelho a todas as pessoas, de todas as raças, e de todas as nações ao conhecimento da salvação através do Senhor Jesus Cristo. O concílio foi para tirar as dúvidas sobre as exigências da lei judaica impostas aos gentios e decidiram que os gentios não precisavam ser submetidos pela lei judaica, como podemos entender pelo capítulo 15 de Atos dos Apóstolos: At 15.1-6 *Então alguns que tinham descido da Judéia ensinavam assim os irmãos: Se não vos circuncidardes conforme o uso de Moisés, não podeis salvar-vos. Tendo tido Paulo e Barnabé não pequena discussão e contenda contra eles, resolveu-se que Paulo e Barnabé, e alguns dentre eles, subissem a Jerusalém, aos apóstolos e aos anciãos, sobre aquela questão. E eles, sendo acompanhados pela igreja, passavam pela Fenícia e por Samaria, contando a conversão dos gentios; e davam grande alegria a todos os irmãos. E, quando chegaram a Jerusalém, foram recebidos pela igreja e pelos apóstolos e anciãos, e lhes anunciaram quão grandes coisas Deus tinha feito com eles. Alguns, porém, da seita dos fariseus, que tinham crido, se levantaram, dizendo que era mister circuncidá-los e mandarlhes que guardassem a lei de Moisés. Congregaram-se, pois, os apóstolos e os anciãos para considerar este assunto.* Nessa época, o número de membros de origem gentia continuava a crescer dentro da comunidade, enquanto o de judeus diminuía. O apóstolo Pedro, muito embora fosse a favor que os gentios teriam que se submeter aos costumes judaicos, contudo foi maleável depois de ouvir Paulo e Barnabé contar suas experiências com os gentios

crentes, principalmente os de Antioquia onde estavam pastoreando a igreja e Pedro decidiu: At 15.7-11 - *E, havendo grande contenda, levantou-se Pedro e disse-lhes: Homens irmãos, bem sabeis que já há muito tempo Deus me elegeu dentre nós, para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho, e cressem. E Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós; E não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando os seus corações pela fé. Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós pudemos suportar? Mas cremos que seremos salvos pela graça do Senhor Jesus Cristo, como eles também.* A reunião em Jerusalém mexeu com os corações dos apóstolos, que levou a Tiago irmão do Senhor a discursar o seguinte: At 15.12-14,19-21 *Então toda a multidão se calou e escutava a Barnabé e a Paulo, que contavam quão grandes sinais e prodígios Deus havia feito por meio deles entre os gentios. v13 - E, havendo-se eles calados; tomou Tiago a palavra, dizendo: Homens irmãos ouvi-me: v14*
- Simão relatou como primeiramente Deus visitou os gentios, para tomar deles um povo para o seu nome. v19 - Por isso julgo que não se devem perturbar aqueles, dentre os gentios, que se convertem a Deus. v20 - Mas escrever-lhes que se abstenham das contaminações dos ídolos, da prostituição, do que é sufocado e do sangue. v21 - Porque Moisés, desde os tempos antigos, tem em cada cidade quem o pregue, e cada sábado é lido nas sinagogas. Observa-se que no versículo 21, Tiago mostra sua fidelidade ao rito mosaico, por certo, a igreja de Jerusalém era observadora da lei judaica, mas, abriu mão que os gentios poderiam desprender de tal rito. Resolveram então enviar uma carta para Antioquia, onde Paulo pastoreava: At 15.22-29 *Então pareceu bem aos apóstolos e aos anciãos, com toda a igreja, eleger homens dentre eles e enviá-los com Paulo e Barnabé a Antioquia, a saber: Judas, chamado Barsabás, e Silas, homens distintos entre os irmãos. E por intermédio deles escreveram o seguinte: Os apóstolos, e os anciãos e os irmãos, aos irmãos dentre os gentios que estão em Antioquia, e Síria e Cilícia, saúde. Porquanto ouvimos que alguns que saíram dentre nós vos perturbaram com palavras, e transtornaram as vossas almas, dizendo que deveis circuncidar-vos e guardar a lei, não lhes tendo nós dado mandamento. Pareceu-nos bem, reunidos concordemente, eleger alguns homens e enviá-los com os nossos amados Barnabé e Paulo. Homens que já expuseram as suas vidas pelo nome de nosso Senhor Jesus*

Cristo. Enviamos, portanto, Judas e Silas, os quais por palavra vos anunciarão também as mesmas coisas. Na verdade pareceu bem ao Espírito Santo e a nós, não vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias: Que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, e da carne sufocada, e da prostituição, das quais coisas bem fazeis se vos guardardes. Bem vos vá. Em quase todos os lugares onde se manifestassem perseguições contra os cristãos, nesse período, elas eram provocadas pelos judeus. Então vejamos: At 17.5 *Mas os judeus desobedientes, movidos de inveja, tomaram consigo alguns homens perversos, dentre os vadios e, ajuntando o povo, alvoroçaram a cidade, e assaltando a casa de Jasom, procuravam trazê-los para junto do povo.* Durante aqueles anos, três dirigentes se destacaram na igreja; o mais conhecido foi Paulo o viajante incansável, o eminente teólogo; depois aparece Pedro cujo nome apenas é registrado por Paulo como uma "coluna". A tradição diz que Pedro esteve algum tempo em Roma, dirigiu nessa cidade e por fim, morreu como mártir no ano 67. O terceiro dos grandes nomes da época foi Tiago, um irmão mais moço do Senhor, dirigente da igreja de Jerusalém e fiel conservador dos costumes judaicos. Era conhecido como dirigente dos judeus cristãos; todavia não se opunha que o Evangelho fosse pregado aos gentios. Paulo e Silas estabeleceram igrejas em Filipos, Tessalônica e Beréia, na província de Macedônia. Fundaram um pequeno núcleo na culta cidade de Atenas e estabeleceram fortes congregações em Corinto, a metrópole comercial da Grécia. Da cidade de Corinto, Paulo escreveu duas cartas à igreja de Tessalônica, sendo essas as suas primeiras epístolas. Navegou depois pelo mar Egeu, para uma breve visita a Éfeso, na Ásia Menor, também atravessou o Mediterrâneo e foi a Cesaréia; subiu a Jerusalém, a fim de saudar a igreja dessa cidade: Gl 1.18 *Depois, passados três anos, fui a Jerusalém para ver a Pedro, e fiquei com ele quinze dias.* E voltou ao ponto de partida em Antioquia da Síria. Por terra e por mar, Paulo percorreu mais de três mil quilômetros, fundou igreja em pelo menos sete cidades e abriu, pode-se dizer toda a Europa, pregando o Evangelho. No ano de 64, uma grande parte da cidade de Roma foi destruída por incêndio; a tradição diz-se que foi Nero o pior de todos os imperadores romanos, quem ateou fogo à cidade, contudo essa acusação ainda é discutível; entretanto a opinião pública responsabilizou o imperador Nero por esse crime. A fim de escapar dessa responsabilidade, Nero apontou os cristãos como culpados do incêndio de Roma, e moveu contra

eles tremenda perseguição e milhares de cristãos foram torturados e mortos, entre os quais se conta o apóstolo Pedro, foi crucificado no ano 67, e bem assim o apóstolo Paulo, decapitado no ano 68. As datas acima são aproximadas, pois os apóstolos podem ter sido martirizados um ou dois anos antes. Uma das vinganças da História, que naqueles jardins onde muitos cristãos foram queimados como "tochas vivas" enquanto o imperador passeava em sua carruagem, esteja hoje o Vaticano, residência do sumo-pontífice, e a Basílica de São Pedro, o maior edifício da religião cristã. Deus não tem por esquecido a crueldade feita aos cristãos e um dia Ele vingará o sangue inocente dos cristãos: Ap 17.6 *E vi que a mulher estava embriagada do sangue dos santos, e do sangue das testemunhas de Jesus. E, vendo-a eu, maravilhei-me com grande admiração.* Ap 17.18 *E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra.* No ano do concílio de Jerusalém, ano 50, não havia sido escrito nenhum livro do Novo Testamento, a igreja para conhecimento da vida e dos ensinos do Salvador, dispunha tão somente das memórias dos primitivos discípulos. Entretanto, antes do final deste período, no ano 68, grande parte dos livros do Novo Testamento já estava circulando, inclusive os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e as epístolas de Paulo, Tiago, I Pedro e talvez a II Pedro, embora questões tenham levantado quanto à autoria dessa última. Provável que a epístola aos Hebreus tenha sido escrita depois da morte de Paulo, não sendo, portanto de sua autoria.

ÉPOCA SOMBRIA

Do martírio de Paulo – 68 d.C. Até a morte de João– 100 d.C.

A última geração do primeiro século, a que vai do ano 68 a 100, conhecido como época sombria, em que as trevas da perseguição estavam sobre a igreja, e também porque de todos os períodos o que menos conhecemos da História da Igreja. Infelizmente, nenhum historiador da época preencheu o vácuo existente. Após a morte de Paulo, durante um período de cinqüenta anos, uma cortina prende sobre a igreja. Finalmente, cerca do ano 120, nos registros feitos pelos "pais de igreja", deparamos com uma igreja em vários aspectos muito diferente das igrejas apostólicas dos dias de Pedro e de Paulo. A queda de Jerusalém no ano 70 impôs grande transformação nas

relações existentes entre cristãos e judeus. De todas as províncias dominadas pelo governo de Roma, a única descontente e rebelde era a Judéia. Os judeus, de acordo com a interpretação que davam consideravam-se destinados a conquistar e mundo; baseado nessa esperança, somente forçado pelas armas e pelas ameaças é que se submetiam ao domínio do império romano. Por volta do ano 66, os judeus rebelaram-se abertamente contra o império romano, apesar de não terem desde o início condição de vencer, por se tratar de uma pequena província, cujos homens não estavam adestrados para guerra, contra o império de cento e vinte milhões de habitantes, com duzentos e cinqüenta mil soldados disciplinados e peritos na arte de guerrear. Além disso, os próprios judeus estavam uns contra os outros e matavam-se as profecias,

a governar o entre si, com tanta violência como se a luta fosse contra Roma, sua maior inimiga. Vespasiano, o principal general romano, conduziu um grande exército até a palestina. Entretanto, logo depois foi chamado a Roma para ocupar o trono imperial. A Palestina foi chefiada pelo general Tito, filho de Vespasiano. Depois de prolongado cerco contra Jerusalém, à cidade foi agravada pela fome e pela guerra civil dentro de seus muros; a cidade ficou destruída pelo exército romano. Milhares de judeus foram mortos, outros feitos prisioneiros de guerra e levado para Roma como escravos. O renomado Coliseu de Roma foi construído pelos judeus prisioneiros, os quais foram obrigados a trabalharem como escravos, alguns deles trabalharam até morrerem. A nação judaica, depois de XIII séculos de existência, foi assim destruída. Sua restauração deu-se no dia 15 de maio de 1948. Na queda de Jerusalém morreram poucos cristãos; atentos às declarações proféticas de Cristo, os cristãos admoestados escaparam da cidade ameaçada; refugiaram-se em Pela no Vale do Jordão. O efeito produzido na igreja, pela destruição da cidade é o que pôs fim, para sempre nas relações entre judaísmo e cristianismo. Daí por diante, judeus e cristãos separaram-se definitivamente. Cerca do ano 90, o cruel e indigno imperador Domiciano, iniciou a segunda perseguição imperial aos cristãos; dias em que milhares de cristãos foram mortos, especialmente em Roma e em toda a Itália. Essa perseguição, como a de Nero, foi esporádica, local e não se estendeu a todo o império; nessa época, João, o último dos apóstolos, que vivia na cidade de Éfeso, foi preso e exilado na Ilha de Pátmo no mar Egeu, lugar onde João recebeu a revelação que compõe o Livro de Apocalipse, o

último do Novo Testamento. No início do segundo século, os cristãos já estavam radicados em todas as nações e em todas as cidades, alguns crêem que se estendia até a Espanha e Inglaterra, no Ocidente.

A famosa carta de Plínio ao imperador Trajano, escrita lá pelo ano 112, declara que nas províncias da Ásia Menor, nas margens do mar Negro os templos dos deuses estavam quase abandonados, enquanto os cristãos em toda à parte formavam uma multidão, e pertenciam a todas as classes, desde a dos nobres, até a dos escravos, sendo estes últimos, no império excediam em número a população livre. Acontecia, porém, que na igualmente como livre; um enquanto seu amo e senhor, não passava de simples membro. No final do primeiro século, as doutrinas ensinadas pelo apóstolo Paulo na epístola aos romanos eram aceitas por toda a igreja, como regra de fé. O batismo por imersão era o rito de iniciação na igreja em toda parte; contudo, no ano 120 apareceram menções do costume de batismo por aspersão; isso quer dizer que nesse tempo já estava em uso. O dia do Senhor era observado de modo geral, apesar de não ser de forma estrita, como um dia absolutamente separado; enquanto a igreja fora composta de maioria judaica, se observava o sábado; agora o primeiro dia da semana pouco tomava o lugar do sétimo. Já nos dias de Paulo havia igrejas que se reuniam no primeiro dia da semana, e no livro de Apocalipse esse dia é chamado “o dia do Senhor. A ceia, no início, era celebrada no lar, assim como a páscoa da qual se originou. Nas igrejas gentílicas, apareceu costume de celebrar-se uma reunião da igreja como se fosse uma ceia qualquer, cada membro levava a própria provisão. O apóstolo Paulo repreendeu a igreja em Corinto pelo abuso que esse costume havia causado. No fim do século a ceia do Senhor era celebrada onde os cristãos se reuniam, porém “talvez por causa da perseguição”, não em igreja o

escravo escravo era tratado podia a ser bispo, reuniões públicas; somente os membros da igreja, eram admitidos nas reuniões em que celebravam a ceia, que era considerada como um mistério. O reconhecimento do domingo da ressurreição como aniversário da ressurreição de Cristo fora sancionado, aumentava dia a dia; contudo nessa época ainda não era de guarda universal. No livro de Atos dos Apóstolos, e nas últimas epístolas, os títulos anciãos (presbíteros) e bispos são mencionados como se fosse aplicada alternadamente a mesma pessoa. No entanto, no fim do primeiro século

aumentava a tendência de elevar os bispos acima de seus companheiros, os anciãos, costume que mais tarde conduziu ao sistema mencionados nas últimas funcionários da igreja. As reuniões nas assembléias cristãs era uma derivação das reuniões das sinagogas judaicas; liam-se as Escrituras do Antigo Testamento e porções das cartas apostólicas, os Evangelhos; os Salmos da Bíblia e os hinos cristãos eram cantados; as orações diferiam das que se diziam nas sinagogas, porque nas assembléias, eram espontâneas; o uso da palavra era oferecido, sem restrições aos irmãos visitantes. No final das reuniões era freqüente participarem da ceia do Senhor; contudo por toda à parte a igreja era ativa, próspera e se esforçava por todos os extremos do império. eclesiástico. Os diáconos são

epístolas de Paulo como

AS PERSEGUIÇÕES IMPERIAIS

Da morte de João - 100 d.C. Até o edito de Constantino–313 d.C.

O fato de maior destaque na História da Igreja, no segundo e terceiro século foi sem dúvida a perseguição ao cristianismo pelos imperadores romanos. Apesar de a perseguição não haver sido contínua, contudo ela se repetia durante anos seguidos, por vezes, mas quando havia paz, a perseguição podia recomeçar a qualquer momento, cada vez mais violenta. A perseguição no quarto século durou até o ano 313, quando o edito de Constantino, o primeiro imperador cristão, fez cessar todos os propósitos de destruir a igreja de Cristo. Podem-se apresentar várias causas para justificar o ódio dos imperadores ao cristianismo. O paganismo em suas práticas aceitava as novas formas e objetos de adoração que iam surgindo; enquanto o cristianismo rejeitava qualquer forma ou objeto de adoração; onde os deuses já se contavam aos centos, ou milhares, mais um ou menos um não representava diferença. Quando os habitantes de uma cidade desejavam desenvolver o comércio ou a imigração, construíam templos aos deuses que se adoravam em outros países ou cidades, a fim de que os habitantes desses países ou cidades fossem adorá-los. Eis que na cidade de Pompéia, Itália, se encontra um templo de Ísis, uma deusa egípcia; esse templo foi edificado para fomentar o comércio de Pompéia com o Egito, fazendo com que os

comerciantes egípcios se sentissem como em seu próprio país. Por outro lado, o cristianismo opunha-se a qualquer forma de adoração, pois somente admitia adoração ao seu próprio Deus. Um imperador desejou colocar uma existente em importantes; porém os cristãos recusaram a oferta com desprezo, não desejavam que o seu Cristo fosse conhecido meramente como um deus qualquer, entre outros deuses. Os cristãos, não faziam essas formas de adoração, por essa razão eram considerados como ateus, que não tinham deuses. A adoração ao imperador era considerada como prova de lealdade; nos lugares mais visíveis de cada cidade havia uma estátua de Cristo no panteão, um edifício

Roma, onde se colocavam os deuses estátua do imperador reinante, e ainda mais, a essa imagem era oferecido incenso, como se ofereciam aos deuses. Os cristãos recusavam-se a prestar tal adoração, mesmo um simples oferecimento de incenso sobre o altar. Após a destruição de Jerusalém, no ano 70, o cristianismo ficou isolado, sem nenhuma lei que protegesse seus seguidores e era alvo de ódio de seus inimigos. As reuniões secretas dos cristãos despertavam suspeitas, motivo que se reuniam antes do nascer do sol, ou então à noite, quase sempre em cavernas ou nas catacumbas subterrâneas. A esse respeito circulavam falsos rumores de que entre eles praticavam-se atos imorais e criminosos; além disso, o governo autocrático do império tinha suspeita em que todos os cultos e sociedades secretas, temendo propósitos desleais. A celebração da ceia de Senhor, da qual eram excluídos os estranhos, repetidas vezes eram causam de acusações e de perseguições. O cristianismo considerava todos os homens iguais, não havia nenhuma distinção entre seus membros, nem em suas reuniões; um escravo podia ser eleito bispo na igreja; tudo isso eram coisas inaceitável para a mentalidade dos nobres, para os filósofos e para as classes governamentais. Os cristãos eram considerados como “niveladores da sociedade”, portanto anarquistas, perturbadores da ordem social, reconhecidos como inimigos do Estado. Assim como apóstolo Paulo em Éfeso, esteve em perigo em razão de um motim iniciado por Demétrio, o ourive, assim também muitas vezes os governantes eram influenciados para perseguirem os cristãos, por pessoas cujos interesses financeiros eram prejudicados pelo progresso da igreja. Sacerdotes e demais servidores dos templos dos ídolos, os que negociavam com imagens, os escultores, os arquitetos que construíam templos e todos aqueles que ganhavam a vida por meio da adoração pagã.

As perseguições do primeiro século por Nero (66-68) e por Domiciano (90-95) foram, explosões de delírio e ódio sem outro motivo, a não ser de um tirano. Entretanto, desde o ano 250 a 313 d.C. a igreja esteve sujeita a uma série sistemática e implacável de atentados governamentais em todo o império, a fim de esmagar a fé sempre crescente. Desde o reinado de Trajano ao de Antonino Pio (98-161), o cristianismo não era reconhecido, mas também não foi perseguido de modo severo. Sob o governo dos quatro imperadores: Nerva, Trajano, Adriano e Antonino Pio; os quais, com Marco Aurélio foram conhecidos como "cinco bons imperadores", nenhum cristão podia ser preso sem culpa definida e comprovada; contudo, quando se formulavam acusações e os cristãos se recuavam a retratar-se, os governantes eram obrigados, contra as próprias vontades a por em vigor a lei e ordenar a execução. Alguns mártires proeminentes da fé, executados nesse período foram os seguintes: Simeão ou Simão; (Marcos 6.3), o sucessor de Tiago, bispo da igreja em Jerusalém e como aquele, era também o irmão do Senhor. Diz-se que alcançou a idade de cento e vinte anos, foi crucificado por ordem do governador romano na Palestina no ano 107, durante o reinado de Trajano. Inácio, bispo de Antioquia da Síria, estava disposto a ser martirizado, pois durante a viagem para Roma escreveu cartas as igrejas manifestando o desejo de não perder a honra de morrer por seu Senhor; foi lançado as feras no anfiteatro romano, no ano 108 ou 110. A última, a mais sistemática e a mais terrível de todas as perseguições deu-se no governo de Deocleciano e seus sucessores de 303 a 310. Em uma série de editos determinou-se que todos os exemplares da Bíblia fossem queimados; ao mesmo tempo ordenou-se que todos os templos construídos em todo o império durante meio século de aparente calma fossem destruídos. Além disso, exigiu-se que todos renunciassem ao cristianismo, aqueles que o fizessem, perderia a cidadania romana, e ficaria sem proteção da lei. Em alguns lugares os cristãos eram encerrados nos templos, e depois ateavam fogo, com todos os membros no seu interior, entretanto, setenta anos depois o cristianismo era a religião oficial do império. Deocleciano renunciou ao trono no ano 305, porém, seus subordinados e sucessores, Galério e Constâncio, continuaram a perseguição durante seis anos. Constantino, filho de Constâncio, servindo como co-imperador, o qual nesse tempo ainda não professava o cristianismo, expediu o memorável Edito de Tolerância no ano 313. Por essa lei o cristianismo foi oficializado,

sua adoração se tornou legal e cessou a perseguição, para não mais voltar enquanto durou o império romano.

AS CATACUMBAS DE ROMA

Após uma visita virtual ou real às Catacumbas cristãs de Roma, perguntar-se: qual é a importância das Catacumbas cristãs de Roma sob o aspecto histórico e arqueológico, e qual a sua importância religiosa e espiritual? A primeira e mais imediata impressão é que as Catacumbas são provas históricas de que a Igreja das origens foi uma Igreja de mártires. Estes foram muitíssimos, e as Catacumbas conservaram o seu testemunho. Iremos aprofundar mais neste sentido em questão do número dos mártires romanos, do significado do martírio, das causas das perseguições e do seu desenvolvimento. Outro aspecto importante das Catacumbas é o testemunho que dá sobre a vida da Igreja primitiva, a continuidade da nossa fé em relação dos primeiros séculos, a sua espiritualidade, e a atração que exerceram sobre os cristãos no decorrer dos séculos.

Quantos foram os mártires?
Não conhecemos o seu número exato. Os historiadores pensam que foram, aproximadamente, alguns milhares; as Atas dos Mártires, que são os protocolos judiciários dos processos aos cristãos, conservaram-nos a lembrança de muitos mártires, mas não podemos tirar delas a sua lista completa. Segundo Tácito, na grande perseguição desencadeada por Nero. Clemente de Roma fala de uma grande multidão de eleitos. Cipriano, em seguida, escrevera que“o povo dos mártires foi incalculável”. Será, porém, nas Catacumbas, que encontraremos o testemunho dos mártires, mais do que nos escritores cristãos do tempo. Acenemos brevemente aos mártires mais conhecidos das Catacumbas romanas abertas ao público. Só nas Catacumbas de Calisto foram sepultados aproximadamente 46 mártires, conhecidos pelo nome. Entre eles os bispos mártires Zeferino, Ponciano, Fabiano, Sisto II, Eusébio, Cornélio; os quatro diáconos do bispo Sisto II, Cecília, Sótere, Marcos, Marceliano, Calógero, Partênio, Cereal, Salústio e Tarcísio, etc. Em Domitila os mártires Nereu e Aquiles; em San Sebastiano, o próprio titular da Catacumba e Máximo; em Priscila, os mártires Feliz e Filipe, Marcelino bispo, Crescencião, Prisca, Paulo, Mauro, Simétrio e seus

muitos companheiros; em Agnese, a adolescente mártir, que dá nome à Catacumba, e Emerenciana. Outras Catacumbas, situadas ao longo das vias consulares, conservam a lembrança de numerosos mártires. Aos mártires conhecidos pelo nome e venerados na Igreja dos primeiros séculos, devemos acrescentar um número certamente muito maior dos desconhecidos, que foram sepultados nas Catacumbas. Os mártires pertencem a toda categoria de idade, sexo, proveniência social, profissão e cultura. Eles são modelos para os cristãos de qualquer lugar e de qualquer época. São as testemunhas de uma fé invencível, de uma fidelidade total a Cristo confirmada com a oferta da própria vida.

O VALOR DO MARTÍRIO

O discurso sobre os mártires faz-nos refletir sobre o significado e o valor do martírio. Mártir, do grego “martyr”, quer dizer testemunha, e indica aquele que se sacrifica e sofre ou morre por um ideal ou missão. O termo foi aplicado com propriedade aos cristãos dos primeiros séculos, que enfrentaram perseguição e morte em defesa da fé. A Igreja das origens teve tantos mártires a ponto de merecer o título de “Igreja dos mártires” e os séculos de perseguição foram chamados de “era dos mártires”. A importância e o valor ecumênico do martírio na Igreja das origens, como também na Igreja do nosso tempo, deve ser ressaltada, «A Igreja do primeiro milênio nasceu do sangue dos mártires. Os acontecimentos históricos ligados à figura de Constantino o Grande jamais teriam garantido o desenvolvimento da Igreja, verificado no primeiro milênio, se não houvesse a semeadura de mártires e o patrimônio de santidade que caracterizaram as primeiras gerações cristãs. É um testemunho que não deve ser esquecido. A Igreja dos primeiros séculos, embora com notáveis dificuldades organizativas, preocupou-se em fixar em martirológios especiais o testemunho dos mártires. Esses martirológios foram atualizados constantemente ao longo dos séculos, freqüentemente ignorados, como “soldados desconhecidos” da grande causa de Cristo. É preciso que as Igrejas façam de tudo para não deixar perecer a memória de quantos padeceram o martírio. Isso poderá ter também um grande respiro e eloquência ecumênica. O ecumenismo dos santos, dos mártires, talvez, seja o mais convincente.

As perseguições e suas causas:

Desde sua origem, o cristianismo difundiu-se rapidamente em todo o império romano, exercendo um fascínio irresistível em todas as classes sociais. Ele propunha, com efeito, um estilo de vida novo, fundado na liberdade e no amor: estilo que se diferencia radicalmente daquele da sociedade e da religião romanas. Na seção sobre "Os Cristãos do tempo de perseguição na defesa dos Apologistas", tínhamos visto que a religião cristã foi totalmente recusada pelos Romanos, posta fora da lei como "estranha, ilícita, perniciosa, malvada, desenfreada, nova e maléfica, obscura e inimiga da luz, detestável" e perseguida, embora nem sempre de forma contínua e geral. Como foi possível que a religião por excelência da duramente e autoridades políticas e pela gente comum, pelos pagãos que conviviam com os cristãos. Os primeiros séculos do cristianismo marcam a passagem da civilização romana pagã à civilização cristã. As duas civilizações apresentam-se em antítese em seus princípios, exigências e justificativas. O processo de transição atua-se através de acontecimentos alternados, que provocaram desencontros e resistências junto aos órgãos de governo político, do imperador e do Senado, e mesmo junto das massas populares. Na realidade, as perseguições são a manifestação da luta do mundo pagão contra a religião cristã. A religião cristã é uma religião nova, justiça e do amor tenha sido julgada tão perseguida tanto pelos imperadores e acima da razão, universal, libertadora. Seus princípios revestem toda a vida do homem e da sociedade. Os cristãos, de fato, sancionam a indissolubilidade do matrimônio e exaltam a fidelidade conjugal e o valor da virgindade; afirmam o culto ao Deus único, rejeitando qualquer outra divindade; afirmam o princípio da liberdade e dignidade de todo homem, recusando qualquer forma de exploração do próximo, particularmente a escravidão, que era o suporte necessário da sociedade romana; difundem a doutrina da imortalidade da alma e da vida futura, além da morte; praticam uma moral severa; desenvolvem um intenso trabalho caritativo, especialmente pelos mais necessitados e escravos, a ponto de garantir o reconhecimento e a admiração dos próprios adversários pagãos. Todos esses princípios de liberdade, igualdade, justiça, caridade são valores insólitos e, em parte, desconhecidos e incompreensíveis ao modo pagão de pensar e viver. A filosofia e a cultura pagãs manifestam desprezo pela religião cristã, tida como religião de bárbaros e incultos. A injustiça das perseguições e a incompreensão da cultura pagã, os Apologistas escrevem defendendo a

inocência dos cristãos, a sua fidelidade às leis e ao imperador e a sua participação ativa na vida da sociedade romana, e afirma o valor da doutrina e do ideal de vida cristã, em substância a superioridade da religião cristã sobre a pagã. Uma das principais causas das perseguições foi, justamente, o contraste entre as religiões pagãs e cristãs. A religião cristã foi considerada como o inimigo mais perigoso do império, porque colocava obstáculos à restauração das tradições e do poder de Roma, baseado na antiga religião e no culto do imperador, instrumento e símbolo da unidade do império. As perseguições têm, pois, um motivo religioso e político. O cristianismo é novo e revolucionário: recusa a religião tradicional de Roma. Por isso, o governo romano, geralmente muito aberto e tolerando com as religiões estrangeiras, demonstrou-se muitas vezes hostil e intransigente em relação à religião cristã, pela diferença radical entre a ela e as demais religiões. Além disso, as outras religiões eram consideradas basicamente como algo privado, sem importância social e política. Elas chegaram até ao compromisso, adaptando-se ao culto oficial do imperador. A religião cristã, ao contrário, recusava-o decididamente, porque isso teria sido um ato de impiedade, uma negação de Deus. Segundo muitos estudiosos, o fundamento jurídico das perseguições encontrase no "Senado consulto" do ano 35. O imperador Tibério propunha ao Senado de Roma a "consecratio Christi", isto é o reconhecimento da divindade de Cristo e, portanto, a legitimidade do seu culto. O Senado romano recusou a proposta e declarou a religião cristã "ilícita". Tibério, porém, opôsse e "vetou" a aplicação do decreto do Senado. O decreto permaneceu letra morta até Nero que, para se salvar da acusação de ter incendiado Roma, descarregou a culpa sobre os cristãos, acusando-os de praticar uma religião nova e maléfica. Sobre eles foram difundidas entre o povo simples as calúnias mais fantasiosas e infamantes, que fomentaram ódio e furor popular. São as "flagitia", as infâmias vergonhosas atribuídas aos cristãos, como práticas atrozes e obscenas. Deturpando monstruosamente a ceia eucarística, os cristãos foram acusados de canibalismos e infanticídios; foram acusados de incestos, porque tinham o costume de chamar de irmãos e irmãs e darem o beijo da paz; de ateísmo e impiedade, porque recusavam o culto tradicional aos deuses de Roma; de delito de lesa majestade (crimen maiestatis), porque não ofereciam o sacrifício ao Imperador; de associação secreta e ilegal, perigosa para o império; de ódio contra o gênero humano, porque responsabilizados pelas calamidades públicas, como a peste, as inundações,

a carestia, as invasões bárbaras. Os cristãos, realmente, recusavam-se a participar das celebrações religiosas em honra dos deuses para aplacar a sua maldição. Para compreender a dinâmica das perseguições é preciso ter sempre presente esta atitude hostil das massas populares, mesmo se, em geral, a atitude do governo romano pelos cristãos foi tolerante e, às vezes, benévola.

Motivo das perseguições:
As perseguições é um assunto de estudo vasto e complexo, com muitos aspectos políticos e religiosos que revestiram tanto a classe dirigente (imperador, senado, governadores de províncias romanas), como os mesmos cidadãos. As perseguições constituíam a defesa exagerada, em parte utópica, de uma ordem jurídica não mais capaz de garantir a paz romana, a segurança e populações do império. Desde o início, politicamente revolucionário e abertamente anti-romano dos Judeus, os cristãos opuseram um messianismo sem implicações políticas; por isso, os órgãos romanos de governo mantiveram-se neutros ou até mesmo benévolos diante da nova religião, que encontrava a simpatia até mesmo em ambientes da classe dirigente. A reviravolta decisiva aconteceu durante o reinado de Nero nos anos (54 a 68), que acusou os cristãos do incêndio de Roma, incriminando-os como membros de uma "superstitio illicita", fórmula que apela à declaração do Senado Consulto de 35. Parece que essa fosse substancialmente a justificativa jurídica de todas as perseguições, embora tenham sido acrescentadas outras o bem-estar das ao messianismo motivações políticas e religiosas. A primeira grande perseguição durou quatro anos, desde o incêndio de Roma de 19 de julho de 64 até 9 de junho de 68, morte de Nero. Seguiu-se completa acentuado o culto do imperador, desencadeou uma breve perseguição nos últimos dois anos. No segundo século estourou uma nova perseguição sob Trajano (98 a 117), devido à proibição de criar sociedades que não fossem autorizadas (as "hetérias"). A quarta grande perseguição aconteceu no tempo de Marco Aurélio (161 a 180), quando o império foi afligido por carestias e pestilências e ameaçado pelos bárbaros. Os cristãos foram acusados de todas essas calamidades. Iniciando o terceiro século, sob Setímio Severo (193 a 211) deram-se outros fenômenos de desencadeados pelo furor popular contra declarados inimigos públicos e acusados de lesa majestade. Não parece, contudo, que o imperador tenha publicado qualquer edito de perseguição. Uma perseguição

de natureza mais política e pessoal que religiosa foi ordenada por Maximino Trace (235 a 238), que se enfureceu contra os que apoiavam o seu predecessor Alexandre Severo, entre os quais muitos cristãos. Em 244 assumiu o poder imperial o cristão M. Júlio Filipe (244-249), que nos cinco anos de reinado se opôs decididamente aos ambientes mais intransigentes do paganismo e ao fanatismo das multidões. Foi, por isso, odiado e desprezado por eles como traidor da religião e da tradição pagãs. Seu adversário Décio (249 a 251) praticou uma política de restauração da antiga religião nacional romana. Com um edito de (249 a 250 ordenou que todos os súditos do império oferecessem publicamente um sacrifício propiciatório (uma "supplicatio") aos deuses da pátria. Uma das primeiras vítimas um período de mais ou menos três anos de tranqüilidade. Domiciano (81-96), que tinha

perseguição os cristãos, foi o bispo Fabiano. A perseguição foi breve, mas muito intensa e geral. O sucessor de Décio, Treboniano Galo (251 a 253), por ocasião de uma nova grave peste que devastou todo o império, ordenou sacrifícios expiatórios (holocausto), dos quais os cristãos não podiam participar, desencadeando, como reação, o ódio e o furor do povo. No tempo de Valeriano (253 a 60) a perseguição, de individual e limitada em determinadas regiões, tornou-se coletiva e geral; ou seja, o cristianismo foi perseguido em todo o império como igreja, como hierarquia, como estrutura. Foi imposto o fechamento dos edifícios sacros, o confisco dos cemitérios (edito de 257), a pena de morte para os chefes religiosos (bispos, e diáconos); a perda da dignidade e o confisco dos bens para todos os demais cristãos (edito de 258). A perseguição cessou substancialmente no ano seguinte, com a captura do imperador na guerra persa (259), mas foi retomada de forma violenta e generalizada por Diocleciano e Galério nos inícios do século IV com os editos de 303 e 304. Estes impunham a destruição das igrejas, a entrega dos livros sacros e a ordem a todos os cristãos de sacrificar aos deuses, sob pena de condenação à morte. Com o edito de tolerância de 311 e o edito de Milão de 313, cessaram as perseguições e foram concedida à igreja plena liberdade de culto e a restituição dos bens eclesiásticos confiscados. A religião cristã foi abertamente reconhecida como "religio licita", mas só em 394 o imperador Teodósio I obrigará o Senado a decretar a abolição do paganismo em todas

as suas formas e, a partir daquele momento, o Cristianismo torna-se a religião oficial do império romano.

A IGREJA E AS CATACUMBAS

As Catacumbas fazem-nos reviver a vida da primitiva Roma cristã. É verdade que as Catacumbas são apenas cemitérios, mas falam-nos com o testemunho histórico de um patrimônio riquíssimo de pinturas, esculturas, inscrições que ilustram os usos, os costumes, a vida dos antigos cristãos, a sua cultura, a sua fé. De fato, toda comunidade que vive, exprime-se e traduz a própria vida necessariamente em documentos escritos ou visuais. Os cemitérios, em muitas civilizações, são lugares onde "objetiva-se" a interpretação da vida e da morte. Assim, por exemplo, a maior parte do que conhecemos da cultura egípcia provém dos túmulos. As Catacumbas não contam apenas a história das perseguições, do holocausto e do culto dos mártires; apresenta também com clareza a fé da Igreja apostólica e dos primeiros séculos. A visita aos túmulos dos Apóstolos e às Catacumbas, memorial dos mártires, é um retorno às raízes, às fontes antigas da fé e da vida da Igreja dos primeiros séculos. As Catacumbas são o seu testemunho histórico. Elas foram definidas com razão como o berço do cristianismo e o arquivo da Igreja das origens. Evidencia-se na espiritualidade das Catacumbas, a fé da Igreja primitiva, sobretudo na centralidade de Cristo. A espiritualidade das Catacumbas é cristocêntrica, sacramental, social, escatológica, bíblica, nova e transformadora. Ela não é só uma documentação da fé da Igreja primitiva, mas um estímulo forte a renovar pessoalmente a fé e o testemunho na vida pessoal. Os peregrinos, que visitam todos os dias as Catacumbas, percebem o seu aspecto apologético e vêem a visita como uma verdadeira experiência espiritual. São sobretudo os jovens que descobrem o valor religioso das Catacumbas. As Catacumbas tiveram a pureza da fé dos primeiros cristãos, a oferta total de suas vidas num lugar escuro e, encontramos um lugar que irradia paz e graça, uma verdadeira e própria lição de vida, diante da coragem daqueles homens e mulheres, que revelam o segredo íntimo da espiritualidade da Igreja dos primeiros séculos em seu espírito jovial de conquista e martírio. Esse é o motivo pelo qual se desenvolveu desde o início o culto dos mártires. Os cristãos sentiram a necessidade de reunir-se junto de suas sepulturas para

festejar o aniversário do martírio daqueles gloriosos campeões da fé. Milhões de visitantes de todas as partes do mundo, ao longo dos séculos, fizeram uma peregrinação às Catacumbas cristãs de Roma, e pereceu o humilde esplendor do primitivo testemunho cristão, acolhidos pelos mártires da Igreja e pelos inúmeros cristãos que testemunharam a própria fé na vida de todos os dias. Os peregrinos vindos de todas as regiões do império: do Oriente, bispos ilustres como Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, Abércio de Gerápoles, e simples fiéis, porque todos segundo João Crisóstomo olham para Roma com seus dois luminares Pedro e Paulo, cujos raios clareiam o mundo. As Catacumbas são ao longo dos séculos metas significativas de tantos peregrinos. Não há, com efeito, lugar mais apto do que estes para reafirmar e testemunhar a própria fé.

A IGREJA IMPERIAL

Do Edito de Constantino– 313 Até a queda de Roma, no ano 476.

Constantino era favorável aos cristãos, apesar de ainda não se confessar como tal. Ele afirmou ter visto no céu uma cruz luminosa com a seguinte inscrição: “In Hoc Signo Vinces” (por este sinal vencerás), e mais tarde, adotou essa inscrição como insígnia do seu exército. No ano 313, Constantino promulgou o famoso Edito de Tolerância, que oficialmente terminou com a perseguição, e, somente no ano 323 foi que Constantino alcançou o posto supremo de imperador, e o cristianismo foi então favorecido. O caráter de Constantino não era perfeito, apesar de ser considerado justo, de um modo geral, contudo ocasionalmente era cruel e tirano. Diziase que “a realidade de seu cristianismo era melhor do que a sua qualidade”. Ele retardou o ato de seu batismo até as vésperas da sua morte, julgando que o ato do batismo lavava os pecados cometidos anteriormente, idéia que prevalecia entre os cristãos naquela época. Os templos das igrejas foram restaurados e novamente abertos em toda parte. No período apostólico celebravam-se reuniões em casas particulares e em salões alugados, mais tarde, nos períodos em que cessavam as perseguições, construíam-se templos para as igrejas; esses templos tinham a forma e tomavam o nome de Basílica Romana ou salão da corte, isto é, um

retângulo dividido por filas de colunas, tendo na extremidade uma plataforma semicircular com assentos para os clérigos.

INÍCIO DA IDOLATRIA

Duas gerações após, começaram a aparecer às imagens nas igrejas; os cristãos primitivos tinham horror a tudo que pudesse conduzir à idolatria. Nessa época a adoração pagã ainda era tolerada, porém haviam cessado os sacrifícios oficiais. Em muitos lugares os templos pagãos foram dedicados ao culto cristão. A palavra pagão, originalmente significa "moradores do campo". Mais tarde, porém, passou a significar um idólatra que não praticava a verdadeira adoração. Em todo o império os templos dos deuses do paganismo eram mantidos pelo tesouro público, mas com a mudança que se operaram, esses donativos passaram a ser concedidos as igrejas e ao clero cristão, em pequena escala a princípio, mas logo depois, de maneira generalizada e de forma liberal, os dinheiros públicos foram enriquecendo as igrejas, e os bispos, e os ministros, todos os funcionários do culto cristão eram pagos pelo Estado. Era uma dádiva, bem recebida pela igreja, porém, de benefício duvidoso. Ao clero foram concedidos muitos privilégios, nem sempre dados pela lei do império, mas por costume, que pouco depois o costume transformou em lei. Os deveres cívicos obrigatórios para todos os cidadãos, não se exigiam dos clérigos; estavam isentos de pagamentos de impostos; os ministros da igreja formavam uma classe privilegiada, acima da lei do país. Tudo isso foi, também um bem imediato que se transformou em prejuízo, tanto para o Estado como para a igreja. O primeiro dia da semana (domingo) foi proclamado como dia de descanso e adoração, e a observância em breve se generalizou em todo o império. No ano 321, Constantino proibiu o funcionamento das cortes e tribunais aos domingos, exceto em se tratando de libertar os escravos. Os soldados estavam isentos de exercícios militares aos domingos. Os jogos públicos continuaram a realizar-se aos domingos o que tornava mais um feriado que um dia santo, e a crucificação foi abolida. A crucificação era uma forma comum de castigo para os criminosos, exceto para os cidadãos romanos, os únicos que tinham direito de ser decapitados, se fossem condenados à morte. Porém a cruz, emblema sagrado para os cristãos foi adotado por Constantino, como distintivo de seu exército e foi proibido como instrumento de morte. O

infanticídio foi reprimido; na História de Roma e suas províncias, era fato comum que qualquer criança que não fosse do pai, podia ser asfixiada ou abandonada para que morresse. Algumas pessoas dedicavam-se a recolher crianças abandonadas; criavam e depois vendiam como escravos. Se o término da perseguição foi uma benção, a oficialização do cristianismo como religião do Estado foi, não há dúvida, uma maldição; todos queriam ser membros das igrejas e quase todos eram aceitos, tantos os bons como os maus, os que buscavam a Deus e os hipócritas buscando vantagens, todos se apressavam entrar em comunhão. Homens mundanos, ambiciosos e sem escrúpulos, todos desejavam postos na igreja, para assim obterem influência social e política. O nível moral do cristianismo no poder era muito mais baixo do que aquele que distinguia os cristãos nos tempos de perseguições. Algumas das antigas festas pagãs foram aceitas na igreja com nomes diferentes; cerca do ano 405, as imagens dos santos e mártires começaram a aparecer nos templos, como objetos de reverência, adoração e culto. A adoração à virgem Maria substituiu a adoração a Vênus e a Diana. A Ceia do Senhor tornou-se um sacrifício em lugar de uma recordação da morte do Senhor. O ancião evoluiu de pregador a sacerdote; porém a igreja e o Estado tornaram-se uma só entidade, e dessa união (não aprovada por Deus), surgiram males sem conta nas províncias Orientais e Ocidentais.

DIVISÃO DO IMPÉRIO

FUNDAÇÃO DE CONSTANTINOPLA

Logo após haver sido o cristianismo elevado a condição de religião do Império Romano, uma nova capital foi escolhida, construída e estabelecida como sede da autoridade do império, fato que deu motivo a grandes acontecimentos tanto para a igreja como para o Estado. O imperador Constantino compreendeu que a cidade de Roma estava intimamente ligada à adoração pagã, os templos cheios de estátuas, e o povo inclinado à antiga forma de adoração, enfim, uma cidade dominada pelas tradições do paganismo, além disso, a posição geográfica de Roma, em meio às imensas planícies, deixava-a exposta aos ataques dos inimigos. Em épocas primitivas, a cidade várias vezes foi cercada por exércitos estrangeiros. O local escolhido foi Bizâncio, cidade grega, cuja existência contava cerca de

mil anos, e estava situada no ponto de contato entre a Europa e a Ásia. A situação dessa cidade estava tão bem fortificada pela natureza que, durante mais de vinte e cinco séculos da História, raras vezes foi conquistada por seus inimigos ao passo que a rival cidade de Roma, várias vezes fora saqueada e vencida. Em Bizâncio, Constantino estabeleceu a capital, e planejou a construção da grande cidade mundialmente conhecida durante anos por Constantinopla, a cidade de Constantino, atualmente Istambul. Na nova capital não havia templos dedicados aos ídolos, porém não tardou que se edificassem várias igrejas, onde a maior de todas ficou conhecida como a de Santa Sofia "Sabedoria Sagrada", foi edificada por ordem de Constantino. Algum tempo depois foi destruída, um incêndio foi a causa, mas reconstruída pelo imperador Justiniano (ano 537), com tanta magnificência, que sobrepujou todos os templos da época. Esse templo, durante onze séculos foi considerado a catedral do cristianismo, até o ano 1453, quando a cidade foi tomada pelos turcos. Logo após, o templo foi transformado em Mesquita dos muçulmanos, até depois da segunda guerra mundial. Depois da fundação da nova capital, deu-se a divisão do Império. No ano 395, Teodósio completou a separação; desde o governo de Teodósio, o mundo romano foi dividido em Oriente e Ocidente, separados pelo mar Adriático. O Império Oriental era denominado Grego, ao passo que o ocidental era chamado Latino, em razão do idioma que prevalecia em cada um deles. Constantino oferendas à estátua do tolerância para com todas as formas de religiões, e procurava conversão gradativa do povo ao Cristianismo, mediante a evangelização, e não por decreto. Todas as ofertas dadas aos templos pagãos ou aos seus sacerdotes foram confiscadas para os templos cristãos. Os sacrifícios e ritos de adoração pagã foram proibidos, e a sua prática era considerada ofensa punida por lei. Logo após o reinado de Constantino, seu filho decretou a pena de morte e o confisco de propriedades, para todos os adoradores de ídolos. Um decreto proibia que se falasse ou escrevesse contra a religião cristã e determinou-se que todos os livros contrários fossem queimados; contudo, seu efeito extinguiu o paganismo no decorrer de três ou quatro gerações. Entretanto, quando a igreja se viu a salva e no poder, surgiram acalorados debates acerca de suas doutrinas, e tão fortes se mostravam, que lhe abalavam os fundamentos. A fim de resolver essas questões, convocavam-se concílios de todas as igrejas; nesses concílios somente os bispos, tinham direito a votos, todos os demais, deviam submeter-se às decisões que aqueles tomassem. A apareceu por

causa da doutrina a especialmente em relação ao Pai e ao Filho. Depois de muitos debates, no ano 325, ficou definido a unidade do filho com o Pai, a divindade de Cristo e sua existência eterna.
determinou que cessassem as imperador; contudo, favorecia a

primeira respeito controvérsia da Trindade,

QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO OCIDENTAL

No decurso dos anos anteriores, a igreja esforçouse para conquistar prestígio e poder, e agora o bispo de Roma, que já se chamava papa, reclamava o trono de autoridade sobre todo o mundo cristão, e insistia em ser reconhecido como cabeça da igreja em toda a Europa ao Oeste do mar Adriático. Em toda parte os bispos governavam as igrejas, porém uma pergunta surgia. Quem governará os bispos? Os bispos que dirigiam igrejas em certas cidades eram chamados “metropolitanos” e mais tarde “patriarca”. Havia patriarca em Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Constantinopla e Roma. O bispo de Roma tomou o título de “pai”, que mais tarde foi modificado para papa. Havia mais tarde, forte disputa entre o patriarca de Constantinopla e o papa de Roma para saber-se qual dos dois seria chefe da igreja. Surgiu então a tradição de que Pedro foi o primeiro bispo de Roma; citavam dois textos dos evangelhos, como prova desses fatos. “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja”; o outro é “Apascenta as minhas ovelhas”. Em Constantinopla o Imperador e a corte dominavam a igreja; o patriarca, de um modo geral, estava sujeito ao palácio Imperial. Em Roma não havia Imperador sobrepondo-se ao papa era a mais alta autoridade na região. No ano 451, Roma ocupou o primeiro lugar e Constantinopla e segundo. Depois de 25 anos da morte de Constantino, no ano 337, os muros do Império Ocidental foram derribados, pelos bárbaros, começaram a penetrar por toda parte nas indefesas províncias, apoderando-se dos territórios estabelecendo reinos independentes. Em menos de cento e quarenta anos, o Império Romano Ocidental, que existia a mais de mil anos começou a sua decadência. No ano 476, uma tribo de germânicos, aparentemente pequena, os hérulos

dirigidos pelo rei Odoacro, apoderou-se de Roma e destronou o menino Imperador Rômulo conhecido por Augusto o pequeno, ou Augústulo. Odoacro tomou o título de rei da Itália, e desde esse ano, 476, o Império Romano Ocidental deixou de existir. O Império Oriental que tinha como capital Constantinopla durou até o ano 1453. Os Impérios cairam, porém a igreja ainda conservava a posição Imperial.

A IGREJA DA IDADE MÉDIA

Da queda de Roma– 476 Até a queda de Constantinopla - 1453

No período que vamos considerar que durou quase mil anos, nosso interesse se dirigirá para a igreja Ocidental, ou Latina, cuja sede de autoridade estava em Roma, que continuava a ser cidade Imperial, apesar de seu poder político haver desaparecido. O fato mais notável nos dez séculos da Idade Média foi o desenvolvimento do poder papal. Já de algum tempo que o papa de Roma afirmava ser "bispo universal", e chefe da igreja. Agora veremos reclamando posição de governante de nações, acima de reis e imperadores. Uma das razões porque o governo da sede Romana era tão amplamente aceito no início desse período, explica-se pelo fato o qual, naquele tempo, a influência papal era sentida principalmente no fortalecimento da justiça. A igreja se pôs entre os príncipes e seus súditos, a fim de reprimir a tirania e injustiça, para proteger os fracos e exigir o direito do povo. O período culminante foi entre os anos 1073– 1216, cerca de cento e cinqüenta anos em que o papado exerceu poder quase absoluto, não somente na igreja, mas também sobre as nações da Europa. Essa elevada posição foi conquistada durante o governo de Hildebrando, o único papa mais conhecido pelo nome de família do que pelo nome de papa "Gregório VII", nome que escolheu ao assumir o cargo. Hildebrando reformou o clero que se havia corrompido, e interrompeu, ainda que por pouco tempo o exercício da "simonia', isto é, a compra de posição na igreja. Elevou as normas de moralidade de todo o clero, e exigiu o celibato dos sacerdotes, que havia sido defendido, porém não estava em vigor, até então. Liberou a igreja da influência do Estado, pondo fim à nomeação de papas e bispos reis e Imperadores; e decretando que qualquer acusação contra os sacerdotes e as relacionadas com a igreja, fosse julgada por tribunais eclesiásticos.

Também desenvolveu certas doutrinas na igreja romana, especialmente a adoração de imagens, o purgatório, a transubstanciação, isto é, a crença de que na missa ou comunhão do pão e o vinho se transformam milagrosamente no verdadeiro corpo e sangue de Cristo. Até aquela data era costume o bispo receber um cajado e um anel do rei ou príncipe governante, jurando ao seu senhor fidelidade. No período de 1305 a 1377 é conhecido como "cativeiro Babilônico". Por ordem do rei da França a sede do papado, foi transferida de Roma para Avinhão, no sul da França; os papas tornaram-se títeres sob o controle do governo francês. Outros aspirantes com desejo do papado surgiram em Roma, e por toda a parte havia papas e antipapas em vários países. No ano de 1377, o papa reinante, Gregório XI, voltou a Roma, e em 1414 foi realizado o Concílio de Constança a fim de decidir as reclamações de quatro papas existentes. Aconteceu então, o Concílio depôs os quatro e escolheu um novo papa. Desde 1378, os papas continuaram a morar em Roma, alimentando pretensões tão elevadas como sempre aconteceu, porém incapaz de colocá-las em vigor.

O SACRO IMPÉRIO ROMANO

Na última etapa do século oitavo, levantou-se um dos maiores homens de todos os tempos, Carlos Magno (742 a 814). Carlos Magno, rei dos francos, uma tribo germânica que dominava uma grande parte da França, conquistou-se a si mesmo de quase todos os países da Europa Ocidental. Ao visitar a cidade de Roma, no dia de natal do ano 800, Carlos Magno foi coroado pelo papa Leão III, como Carlos Augusto, Imperador Romano, e assim considerado sucessor de Augusto, de Constantino e dos Imperadores Romanos. Mais tarde, quando os sucessores de Carlos Magno perderam o trono, o Imperador Romano era eleito por um corpo de eleitores formado por sete príncipes. O Imperador Otto I (o grande), apesar de não haver sido coroado senão no ano 951, é considerado como o verdadeiro fundador do sacro Império, isto é, como uma entidade distinta do Império Romano. A sucessão de Imperadores terminou no ano 1806, quando Napoleão Alcançou o clímax do poder. A separação das igrejas Grega e Latina realizou-se formalmente no século XI, no ano de 1054, um mensageiro do papa colocou sobre o altar da igreja de Santa Sofia, em Constantinopla, o decreto de excomunhão. Por sua vez o patriarca expediu decreto de

excomunhão de Roma e das igrejas que se submetessem ao papa. Desde então as igrejas Latina e Grega conservaram-se separadas. Doutrinariamente, a principal diferença consistiu na doutrina conhecida como “a procedência do Espírito Santo”. Os latinos afirmam que “O Espírito Santo procede do Pai e do Filho”; os gregos por sua vez, declaravam que procede “do Pai”, e até mesmo sangue foi derramado nessa amarga contenda. O casamento dos sacerdotes foi proibido na igreja do Ocidente, enquanto na igreja do oriente foi sancionado, sacerdote grego (que tem o título de papa, equivalente a padre) deve se casar. Nas igrejas Ocidentais a adoração de imagens é praticada há mais de mil anos, enquanto nas igrejas não se encontram estátuas, mas apenas quadros; contudo os quadros são imagens em baixo relevo, e são estimados com profunda reverência. A queda de Constantinopla, em 1453, foi assinalada pelos historiadores como a linha divisória entre os tempos medievais e os tempos modernos. Províncias após províncias do grande império tomadas, até ficar somente a cidade de Constantinopla, que finalmente em 1453, foi tomada pelos turcos sob as ordens de Maomé II. Em um só dia o templo de Santa Sofia foi transformado em mesquita, condição que perdurou até 1920.

OS PAIS DA IGREJA

Pais da Igreja é um resumo daquilo que realmente viveram em suas épocas. Que possamos tomar o exemplo de fé, amor pelas almas e ousadia destes homens; e saber que na época em que vivemos hoje, ainda podemos ser “Heróis da Fé”. Possamos através da graça de Deus, pagar o preço que nos é proposto, a fim de manter a Igreja edificada, a defesa do Evangelho e a luta contra todo espírito que queira corromper as doutrinas da infalível Palavra de Deus. A partir do ano 95 d.C., os líderes ou bispos, começaram a ser chamados de “Pais da Igreja”, como uma forma carinhosa, por sua lealdade. O nome “Heróis da Fé” foi usado mais amplamente a partir do terceiro século para descrever os campeões ortodoxos da Igreja e os expoentes de sua fé. Os Pais da Igreja são classificados em quatro grupos: Os Pais Apostólicos, Os Apologistas ou Ante-Nicenos, Os Polemistas ou Nicenos, Os Teólogos Científicos ou Pós-Nicenos. Os Pais Apostólicos são caracterizados pela edificação e fortalecimento dos crentes na fé; os Apologistas, pela sua defesa aos ataques contra o Cristianismo; os

Polemistas, pela defesa contra heresias dentro da Igreja; e os Teólogos, pela aplicação da Teologia em áreas filosóficas e científicas.

OS PAIS APOSTÓLICOS Data: Primeiro Século (30 - 100). Objetivo: Exortar e edificar a Igreja. Preeminentes no Ocidente: Clemente de Roma. Preeminentes no Oriente: Inácio, Policarpo, Barnabé, Papias, Hermas e Didaquê.

OS APOLOGISTAS - Data: Segundo Século (120 220). Objetivo: Defender o Cristianismo. Preeminentes no Ocidente: Tertuliano. Preeminentes no Oriente: Justino, o Mártir, Taciano, Teófilo, Aristides e Atenágoras.

OS POLEMISTAS - Data: Terceiro Século (180 250). Objetivo: Lutar contra as falsas doutrinas. Preeminentes no Ocidente: Irineu, Tertuliano e Cipriano. Preeminentes no Oriente: Panteno, Clemente, Orígenes e Hipólito.

OS TEÓLOGOS CIENTÍFICOS - Data: Quarto Século (325 - 460). Objetivo: Aplicar métodos científicos na interpretação bíblica. Preeminentes no Ocidente: Jerônimo, Ambrósio e Agostinho. Preeminentes do Oriente: Crisóstomo e Teodoro. Preeminentes de Alexandria: Atanásio, Basílio de Cesaréia e Cirilo. Os principais Pais da Igreja, Heróis da Fé Policarpo, nascido em uma família cristã por volta dos anos 70, na Ásia Menor (hoje Turquia), Policarpo dizia ser discípulo do Apóstolo João. Em sua juventude costumava se sentar aos pés do Apóstolo do amor. Também teve a oportunidade de conhecer Irineu, o mais importante erudito cristão do final do segundo século. Inácio de Antioquia, em seu trajeto para o martírio romano em 116, escreveu cartas para Policarpo e para a Igreja de Esmirna. Nos dias do Papa Aniceto, Policarpo visitou Roma, a fim de representar as igrejas da Ásia Menor que observavam a Páscoa no dia 14 do mês de Nisan. Apesar de não chegar a um acordo com o papa sobre este assunto, ambos mantiveram uma amizade. Ainda estando em Roma, Policarpo conheceu alguns hereges da seita dos Valencianos, e encontrou-se com Márcio, o qual Policarpo denominava de “primogênito de Satanás”.

A CARTA DE POLICARPO: Apesar de escrever várias cartas, a única preservada até a data, foi a endereçada aos Filipenses no ano 110. Nesta

carta, Policarpo enfatiza a fé em Cristo, e o desenvolvimento da mesma através do trabalho para Cristo na vida diária. Também faz alusão à carta do Apóstolo Paulo aos Filipenses e usa citações diretas e indiretas do Velho e Novo Testamento, atestando-os como canônicos. Na mesma carta, ele repete muitas informações recebidas dos apóstolos, especialmente de João. Por isto, ele é uma testemunha valiosa da vida e da obra da Igreja primitiva no segundo século. Policarpo exorta os Filipenses a uma vida virtuosa, às boas obras e à firmeza, mesmo ao preço de morte, se necessária, uma vez que tinham sido salvos pela fé em Cristo. As 60 citações do Novo Testamento, das quais 34 são dos escritos de Paulo, evidenciam seu profundo conhecimento da Epístola do Apóstolo aos Filipenses e outras do mesmo Testamento. Ao contrário de Inácio, Policarpo não estava interessado em administração eclesiástica, mas antes em fortalecer a vida diária prática dos cristãos.

O MARTÍRIO DE POLICARPO:

O martírio de Policarpo é descrito um ano depois de sua morte, em uma carta enviada pela Igreja de Esmirna à Igreja de Filomélio. Este registro é o mais antigo martirológio cristão existente. Diz a história que o procônsul romano, Antonino Pius, e as autoridades civis tentaram persuadí-lo a abandonar sua fé em sua avançada idade, a fim de alcançar sua liberdade. Ele, entretanto, respondeu com autoridade: “Eu tenho servido Cristo por 86 anos e ele nunca me fez nada de mal. Como posso blasfemar contra meu Rei que me salvou? Eu sou um crente”! No ano 156, em Esmirna, Policarpo é colocado na fogueira. Milagrosamente as chamas não o queimaram. Seus inimigos, então, o apunhalaram até a morte e depois queimaram o seu corpo numa estaca. Depois de tudo terminado, seus discípulos tomaram o restante de seus ossos e o colocaram em uma sepultura apropriada. Segundo a história, os judeus estavam tão ávidos pela morte de Policarpo quanto os pagãos, por causa de sua defesa contra as heresias. Irineu Bispo de Lyon e Polemista Anti-Gnóstico; diferentemente dos Apologistas do segundo século que procuraram fazer uma explanação e uma justificação racional do Cristianismo para as autoridades, os Polemistas empenharam-se por responder ao desafio dos falsos ensinos dos heréticos, condenando veementes esses ensinos e seus mestres. Apesar da maioria dos Apologistas viverem no Oriente, os grandes Polemistas vieram do Ocidente, sendo Irineu um dos primeiros. Enquanto os do Oriente usavam uma teologia

especulativa dando mais atenção aos problemas metafísicos, os do Ocidente preocupavam-se mais com os desvios administrativos da Igreja, empenhando-se em formular uma resposta para os problemas desta esfera. Os apologistas convertidos do paganismo preocupavam-se com a ameaça à segurança da Igreja, especialmente com a perseguição. Os polemistas que tinham uma formação cultural cristã preocupavam-se com a heresia e suas ameaças no seio da Igreja. Seu Crescimento e Influência nascido em Esmirna, na Ásia Menor (Turquia), no ano 130, de uma família cristã, Irineu era grego e foi influenciado pela pregação de Policarpo, bispo de Esmirna. Anos depois, Irineu mudou-se para Gália (atual sul da França), para a cidade de Lyon, onde foi um presbítero em substituição do bispo que havia sido martirizado em 177. Irineu também recebeu influência de Justino. Ele foi uma ponte entre a teologia grega e a latina, a qual iniciou com um de seus contemporâneos, Tertuliano. Enquanto Justino era primariamente um apologista, Irineu contribuiu na refutação contra heresias e exposição do Cristianismo Apostólico. Sua obra maior se desenvolveu no campo da literatura polêmica contra o gnosticismo.

OS ENSINOS HERÉTICOS DO GNOSTICISMO

O gnosticismo, a maior das ameaças filosóficas, chegou ao máximo de sua influência ao redor do ano 150. Suas raízes estão fincadas nos tempos do Novo Testamento. Paulo parece ter enfrentado uma forma incipiente de gnosticismo em sua carta aos Colossenses. A tradição cristã associou a origem do gnosticismo com Simão, o mago, a quem Pedro teve que repreender duramente At 8.9-24. Irineu tornou-se o mais expoente escritor e defensor das Escrituras contra as Heresias Gnósticas na sua era. A palavra gnosticismo é um termo moderno que cobre uma variedade de seitas do segundo século que propagavam alguns erros em comum. O Gnosticismo era radicalmente diferente e contrário ao Cristianismo Ortodóxo. Cada grupo tinha seus próprios escritos. Alguns desses ensinamentos falsos eram: Crença em um Deus supremo o qual era totalmente remoto deste mundo. Que, o Deus supremo não tinha parte na criação, mas que este trabalho imperfeito foi realizado por uma deidade inferior a ele, identificando como

o Deus do Velho Testamento. Que, a matéria era má, por isso o Deus supremo sendo espiritual e bom, não poderia criá-la. Que, entre o reino das trevas e o Deus supremo, existe uma hierarquia de seres divinos. Que, o nosso corpo, sendo físico, é parte deste mundo, ele é mal; nossa alma é uma faísca divina que está presa ao corpo, ela é divina. Que, a salvação é o escape da alma deste corpo para o reino celestial. Que, para alcançar o Deus supremo é necessário que a alma ultrapasse o reino acima de nós, o qual é controlado pelas estrelas e pelos planetas. Que, a salvação vinha pelo conhecimento; gnosis (conhecimento). A Grande Defesa do Teólogo Irineu. Em sua primeira obra, Adversus Haereses (Contra Heresias) escrita entre os anos 182 e 188, em Lyon, ele descreve a teologia da fé cristã em refutação aos ensinos heréticos gnósticos de Valentino e Marcion através das Escrituras. De muitos argumentos feitos por Irineu, três importantes podem ser ressaltadas: A diferença do sistema gnóstico. Ele descreve a natureza burlesca de muitas de suas crenças. Os ensinamentos que os gnósticos diziam ter recebido secretamente dos apóstolos, Irineu os desafiava argumentando que se os apóstolos tivessem um ensinamento especial a declarar, eles o teriam confiado às suas próprias igrejas, as quais fundaram. Ele mostrava como as igrejas estabelecidas pelos apóstolos, e seus dirigentes, os quais eram apontados pelos mesmos e seus sucessores, cresciam em todo o império, e permaneciam até a data, ensinando a mesma doutrina. Defesa do Novo Testamento como canônico, em vista que o gnosticismo não cria nele, e possuía outras escrituras. No tempo de Irineu, o Novo Testamento era aceito cerca de como temos agora: os Evangelhos, Atos, Cartas de Paulo e outras epístolas. A carta aos Hebreus, Apocalipse e algumas epístolas compuseram o Novo Testamento alguns anos na frente. A sua obra é composta de cinco volumes são assim caracterizadas:

Livro I: Esboço histórico da seita gnóstica, apresentada em conjunto com uma declaração da fé cristã. Este volume é a melhor fonte de informação sobre os ensinos dos gnósticos. Era uma polêmica filosófica contra Valentino, o líder da corrente romana do gnosticismo.

Livro II : Crítica filosófica sobre o Gnosticismo. Nele, Irineu insiste na unidade de Deus em oposição à idéia herética da existência de um demiurgo distinto de Deus.

Livro III : Crítica bíblica sobre o Gnosticismo. Ele mostra como o Gnosticismo é rejeitado pela Bíblia e pela tradição mais significativa. Neste livro, Irineu dá ênfase à unidade da Igreja através da sucessão apostólica de líderes desde Cristo e de uma regra de fé.

Livro IV : Respostas ao Gnosticismo através das palavras de Cristo. Neste, Marcion, outro líder gnóstico, é condenado pela citação das palavras de Cristo que se opõem às suas propostas.

Livro V : Vindicação da ressurreição contra os argumentos gnósticos, os quais, segundo as idéias deles, reuniam o corpo material mau com o espírito.

A Contribuição de Irineu à Igreja:
Foi necessário a habilidade intelectual, a força espiritual deste polemista e o desenvolvimento de uma regra de fé e um cânon da Bíblia pela Igreja para superar a ameaça desse movimento ao Cristianismo**.**
Irineu através da sua defesa do Evangelho foi o primeiro a declarar os quatro Evangelhos como canônicos, ensinar acerca do reino milenial de Cristo na terra, defender o episcopado (pastorado) e as tradições teológicas da verdadeira Igreja Ortodóxa.Ele também é chamado de "Pai dos Dógmas da Igreja", por formular os princípios da teologia cristã e exposição do credo da Igreja. Não só Irineu, mas Polemistas como Tertuliano e Hipólito engajaram-se na controvérsia literária para refutar idéias gnósticas. Estes ensinos heréticos reapareceram, parcialmente, em doutrinas dos Paulicianos do século VII, dos Bogomilos dos séculos XI e XII, e dos Albingenses posteriores, no sul da França. Irineu em comparação com outros pais da igreja grega que lhe prescederam, era mais bíblico que filosófico. Ele foi o primeiro a escrever em sentido teológico para a Igreja. Segundo a história, ele foi martirizado em Lyon por volta do ano 200.
Jerônimo Erudito das Escrituras e Tradutor da Bíblia para o Latim.
Nascido por volta do ano 345 em Aquiléia (Veneza), extremo norte do Mar Adriático, na Itália, Jerônimo passou a maior parte da sua juventude em Roma estudando línguas e filosofia. Apesar da história não relatar pormenores de sua conversão, se sabe que se batizou quando tinha entre dezenove e vinte anos. Logo após, Jerônimo embarcou em uma peregrinação pelo Império que levou vinte anos. Sua viagem iniciou pela

Gália, onde estudou Teologia por alguns anos, aperfeiçoou o grego e adotou a vida monástica. Voltando para Aquiléia esteve durante três anos trabalhando com o Bispo Valeriano. Em 375, Jerônimo Antioquia da Síria, onde aprendeu o hebraico intensivamente as Escrituras. Depois de dois anos foi ordenado a padre pelo Bispo Paulino. Partindo dali foi para Constantinopla, onde por dois anos foi discípulo de Gregório, grande mestre entre Gregório de Nicéia, Basílio de Cesaréia e outros eminentes Pais da Igreja. Sua Peregrinação terminou no ano 382, quando se fez secretário de Dâmaso, bispo de Roma, que lhe sugeriu a possibilidade de fazer uma nova tradução da Bíblia. Com a morte de Dâmaso, Jerônimo partiu de Roma em direção à Palestina, no ano 386. Graças à generosidade de Paula, uma rica senhora romana a quem tinha ensinado hebraico, viveu num retiro monástico em Belém, por 35 anos. Nestes anos, ele dedicou-se em escrever várias obras. A maior delas foi a tradução da Bíblia para o Latim, conhecida como Vulgata. Jerônimo foi cuidadoso na busca de suas informações e procurou usar as versões mais antigas e manuscritos bíblicos já não existentes. Trabalhando sobre o princípio que o texto original da Bíblia estava livre de erros, ele começou um estudo profundo dos manuscritos juntamente com a Septuaginta, a fim de determinar, entre muitos outros, que texto poderia se considerar como original e verdadeiro.
A Obra de Esmero, entre os anos 386 e 390, ele completou a tradução, bem como os comentários do Novo Testamento. Entre os anos 390 e 398, ele escreveu muitas obras e comentários que são usados até o dia de hoje; traduziu escritos de outros eruditos para o Latim; e atualizou a obra de Eusébio de Cesaréia, “História Eclesiástica”, gravando os eventos ocorridos na Igreja entre os anos 325 e 378. A partiu para e estudou partir do ano 398 até 405, Jerônimo terminou o seu grande projeto, a tradução completa em Latim do Antigo Testamento Hebraico. Esta versão da Bíblia tem sido amplamente usada pela Igreja Ocidental e tem sido, até recentemente, a única Bíblia oficial da Igreja Católica Romana desde o Concílio de Trento. Seu amor pela vida ascético fez dele um propagador do ascetismo, chegando ao final de sua vida, entre os anos 405 e 420, ao extremo da abstinência da alimentação normal, do trabalho e do casamento.
Agostinho Filósofo e Teólogo de Hipona, Norte da África. Polemista capaz, pregador de talento, administrador episcopal competente, teólogo notável, ele criou uma filosofia cristã da história que continua válida até hoje em sua essência. Vivendo num tempo em que a velha civilização clássica parecia

sucumbir diante dos bárbaros, Agostinho permaneceu em dois mundos, o clássico e o novo medieval. Nascido em 354, na casa de um oficial romano na cidade de Tagasta em Numidia, no norte da África, era filho de um pai pagão, Patrício, e de uma mãe crente, Mônica. Apesar de não serem ricos, era uma família respeitada. Sua mãe dedicou-se à sua formação e conversão à fé cristã. Com muito sacrifício, seus pais lhe ofereceram o melhor estudo romano. Seus primeiros anos de estudo foram feitos na escola local, onde aprendeu latim à força de muitos açoites. Logo, foi enviado para a escola próximo a Madaura, e em 375 à Cartago, para estudar retórica. Longe da família, Agostinho se apartou da fé ensinada por sua mãe, e entregou-se aos deleites do mundo e a imoralidade com seus amigos estudantes. Viveu ilegitimamente com uma concubina durante treze anos, a qual lhe concedeu um filho, Adeodato, em 372. O mesmo morreu cerca do ano 390. Na busca pela verdade, ele aceitou o ensino herético maniqueísta, o qual ensinava um dualismo radical: o poder absoluto do mal, o Deus do Antigo Testamento; e o poder absoluto do bem, o Deus do Novo Testamento. Nesta cegueira ele permaneceu nove anos sendo ouvinte, porém, não estando satisfeito, voltou à filosofia e aos ensinos do Neo-platonismo. Ensinou retórica em sua cidade natal e em Cartago, até quando foi para Milão, Itália, em 384. Em Roma, foi apontado pelo senador Símaco como professor de retórica em Milão, e depois para a casa imperial. Como parte de seu trabalho, ele deveria fazer oratórias públicas honrando o imperador Valenciano II. Sua conversão no ano 386, quando passava várias crises em sua vida, Agostinho estava meditando num jardim sobre a sua situação espiritual, e ouviu uma voz próxima à porta que dizia: “Tome e Leia”. Agostinho abriu sua Bíblia em Romanos 13.13,14 e a leitura trouxe-lhe a luz que sua alma não conseguiu encontrar nem no maniqueísmo nem no neo-platonismo. Com sua conversão à Cristo, ele despediu sua concubina e abandonou sua profissão no Império. Sua mãe, que muito orara por sua conversão, morreu logo depois do seu batismo, realizado por Ambrósio na Páscoa de 387. Uma vez batizado, regressou um ano depois para Cartago, Norte da África, onde foi ordenado sacerdote em 391. Em Tagasta, ele supervisionou e instruiu um grupo de irmãos batizados chamados de “Servos de Deus”. Cinco anos depois, foi consagrado bispo de Hipona por pedido daquela congregação, onde permaneceu até sua morte. Daí até sua morte em 430 empenhou-se na administração episcopal, estudando e escrevendo. Suas obras Agostinho é apontado como o maior dos Pais da Igreja. Ele deixou mais de 100 livros,

500 sermões e 200 cartas. Suas obras mais importantes foram: Confissões, obra autobiográfica de sua vida antes e depois de sua conversão; Contra Acadêmicos, obra onde demonstra que o homem jamais pode alcançar a verdade completa através do estudo filosófico e que a certeza somente vem pela revelação na Bíblia "Doctrina Christiana", obra exegética mais importante que escreveu, onde figuram as suas idéias sobre a hermenêutica ou a ciência da interpretação. Nela desenvolve o grande princípio da analogia da fé; tratado teológico sobre a Trindade, obra apologética conhecida como Cidade de Deus. Com o saque de Roma por Alarico, rei dos bárbaros em agosto 28 de 410, os romanos creditaram este desastre ao fato de terem abandonado a velha religião clássica romana e adotado o cristianismo. Nesta obra, põe-se a responder esta acusação a pedido de seu amigo Marcelino. Agostinho escreveu também muitas obras polêmicas para defender a fé dos falsos ensinos e das heresias dos maniqueus, dos principalmente, dos pelagianos. Também práticas e pastorais, além de muitas cartas, que tratam de problemas práticos que um administrador eclesiástico enfrenta no decorrer dos anos do seu ministério. A formulação de uma interpretação cristã da história deve ser tida como uma das contribuições permanentes deixadas por este grande erudito cristão. Nem os historiadores gregos ou romanos foram capazes de compreender tão universalmente a história do homem. Agostinho exalta o poder espiritual sobre o temporal ao afirmar a soberania de Deus sobre a criação. Esta e outras inspiradoras obras mantiveram viva a Igreja através do negro meio-milênio anterior ao ano 1000. Agostinho é visto pelos protestantes como um precursor das idéias da Reforma com sua ênfase sobre a salvação do pecado original e atual através da graça de Deus, que é adquirida unicamente pela fé. Sua insistência na consideração do sentido inteiro da Bíblia na interpretação de uma parte da Bíblia (Hermenêutica) é um princípio de valor duradouro para a Igreja. Seus últimos meses durante os últimos meses de vida, os vândalos tomaram a cidade fortificada de Hipona por mar e terra. Eles haviam destruído as cidades do Império Romano no Norte da África e as evidências do Cristianismo. A cidade estava cheia de pobres e refugiados, e a congregação de Agostinho não era uma exceção. No final de sua vida, ele foi submetido a uma donatistas e, escreveu obras enfermidade fatal, e com 75 anos ele pediu que ficasse só, a fim de se preparar para encontrar com o seu Deus. Um ano depois da morte de Agostinho em 430, os bárbaros queimaram toda a cidade, mas felizmente, a biblioteca de

Agostinho foi salva, e seus escritos se perpetuam em nosso meio até a nossa era.

John Wycliff Reformador e Tradutor da primeira Bíblia para o inglês. Nascido na cidade de Yorkshire, Inglaterra, em 1329. Atendeu à Universidade de Oxford e terminou o doutorado de Teologia em 1372. Também foi um dos mestres da Universidade de Balliol. Por ser o mais eminente teólogo de seus dias, teve a oportunidade de ser o capelão do rei Ricardo II com acesso ao Parlamento, e de traduzir a Bíblia, junto com seus associados, do Latim para o Inglês. A Corrupção Papal na Inglaterra Equivocamente, muitas pessoas acham que a volta à Bíblia começou com Calvino e Lutero, os líderes da Reforma. Ao contrário, antes da Reforma houve tentativas de fazer parar o declínio do prestígio e do poder do papa através de reformas de várias espécies. Os problemas representados por um papado corrupto e extravagante que morava na França e não em Roma, e pelo cisma que se seguiu à tentativa de levar de volta o papa para Roma, fomentaram o ímpeto que levou os reformadores, os concílios reformadores do século XIV e os humanistas bíblicos, a procurarem formas de produzir um reavivamento espiritual dentro da Igreja Católica Romana. Ao povo inglês desagradava enviar dinheiro para um papa em Avignon, que estava sob influência do inimigo da Inglaterra, o rei francês. Este sentimento nacionalista natural aumentou o ressentimento real e da classe média, por causa do dinheiro desviado do tesouro inglês e da administração do estado inglês através dos impostos papais. Naquela época, a Igreja Romana além de ser riquíssima, possuia um terço de toda a terra da Inglaterra e era isenta de todos os impostos. Os sete papas que regeram desde Avignon tinham a reputação de lobos ao invés de pastores de ovelhas, por causa de sua conduta, suas políticas e ganâncias pelo dinheiro e poder. Foi em meio a este clima de reação nacionalista contra o eclesiasticismo que Wycliff entrou em cena desafiando o papa. Os Intentos de uma Reforma até 1378, Wycliff queria reformar a Igreja Romana através da eliminação dos clérigos imorais e pelo despojamento de sua propriedade que, segundo ele, era a fonte da corrupção.Em uma obra de 1376 intitulada “Of Civil Dominion” (Sobre o Senhorio Civil), Wycliff exigia uma base moral para a liderança eclesiástica. Deus concedia aos líderes o uso e a posse dos bens, mas não a propriedade, como um depósito a ser usado para a sua glória. A falha da parte dos eclesiásticos em cumprir suas próprias funções era uma razão suficiente para a autoridade civil tomar os seus bens. Vivendo na época da

“Guerra dos Cem Anos” entre a Inglaterra e França, Wycliff começou sua reforma atacando a autoridade papal em 1378, e a se opor aos dogmas da Igreja Romana, afirmando que Cristo e a Bíblia eram a autoridade única para o crente. Por causa disso, ele tornou a Bíblia acessível ao povo comum em sua própria língua. Em 1380, terminou a tradução completa do Novo Testamento, e em 1382, seu cooperador Nicholas de Hereford, terminou o Velho Testamento. Os Ensinos de Wycliff, o papa Gregório XI o condenou, mas Wycliff foi protegido por várias famílias nobres do reinado, especialmente pelo Duque de Lancaster, John Gaunt, filho de Eduardo III. Também na mesma época, refutou a doutrina católica da transubstanciação, evidenciando que o padre não podia reter a salvação das pessoas por ter em suas mãos o “corpo e o sangue de Cristo” na comunhão. Ele condenou o dogma do purgatório, uso de relíquias, romarias, venda de indulgências e o ensino da infalibilidade papal. Todos os seus ensinos foram condenados em Londres, em 1382, e foi obrigado a se retirar para seu pastorado em Lutterworth. A partir de 1381 até sua morte, Wycliff dedicou-se ao estudo das Escrituras e a escrever algumas obras muito importantes que defendiam a veracidade da Palavra de Deus, além da tradução da Bíblia.

As obras mais proeminentes foram:
A Verdade das Sagradas Escrituras: escrita em 1378, na qual ele retrata a Bíblia como regra de fé e prática, pela qual a Igreja, as tradições, os concílios e inclusive o papa deveriam ser provados. Ele também escreveu que as Escrituras contêm tudo necessário para que o homem seja salvo, sem necessidade de tradições adicionais. Wycliff defendia que as Escrituras deveriam ser lidas por todos os homens e não somente pelo clérigo. O Poder do Papa: Escrita em 1379, na qual ele descreve o papado como um ofício instituído pelo homem e não por Deus. Ele explica que o poder do papa não se estende ao governo secular, e que sua autoridade não é derivada do seu ofício, mas sim de seu caráter moral e cristão. Ele dizia que o papa que não seguia a Jesus Cristo, era o Anticristo. Apostasia: escrita em 1379, na qual ele condena a doutrina romana da transubstanciação. Eucaristia: escrita em 1380, uma extensão da obra anterior, onde ele denuncia esta heresia em vários aspectos como: inovação recente, filosoficamente Bíblia Sagrada. Ele condena a ensinamento que diz que o pão e o vinho se transformam no corpo e sangue de Cristo. Em seu livro, Wycliff descreve que o pão e o vinho mantêm a sua forma, sendo um sacramento em

memória do corpo e do sangue de Cristo. O Resultado do Trabalho de Wycliff O movimento reformador significou também um protesto e uma reação contra os tempos atribulados e contra uma igreja decadente e corrompida. Revoltas sociais e políticas eram comuns no século XIV. A Peste Negra em 1348 e 1349 dizimou pela morte cerca de um incoerente e contrária à Tomás de Aquino e seu terço da população da Europa. A Revolta dos Camponeses em 1381, na Inglaterra, era uma evidência da insatifação social associada com as idéias de Wycliff. Para se certificar que o povo inglês não permaneceria nas trevas dos dogmas católicos, Wycliff fundou um grupo de pregadores leigos chamados Lolardos, os quais pregaram os seus ensinamentos por toda a Inglaterra, até que a Igreja Romana em 1401, por força da declaração "De Haeretico Comburendo" pelo Parlamento, introduziu a pena de morte como castigo para os tais pregadores. Entretanto, estes jamais foram aniquilados. Os Lolardos ajudaram a preparar o caminho, ainda que ocultamente, para a grande boêmios que estudavam na
Reforma na Inglaterra. Os Universidade de Oxford, ao regressar à sua terra, trouxeram os ensinos de Wycliff, os quais influenciaram a vida de John Huss e a Reforma da Boêmia. Sua Condenação a0pós a Morte as habilidades de Wycliff influenciaram na preparação do caminho para a reforma na Inglaterra. Em 1384, ele morre de derrame. John Huss, influenciado pelos ensinos de Wycliff, foi tido como herege e queimado na estaca em 1415 pelo Concílio de Constança. Como não seria diferente, Wycliff depois de morto, também foi condenado como herege pelo mesmo Concílio, e 45 de seus ensinamentos foram tidos como heresias. Por causa disso, a Igreja Romana deu ordem para cavar sua sepultura, queimar os seus ossos, e lançar suas cinzas no rio Swift em 1428. John Wycliff foi o principal expoente de medidas reformadoras, e por isso é chamado de "Estrela d'Alva da Reforma".

John Huss, nascido em Hussinec, na Boêmia, hoje Tchecoslováquia, em 1373, de uma família pobre que vivia da agricultura. Ele recebeu boa educação elementar e cursou na Universidade de Praga (capital atual da República Tcheca), onde terminou seu mestrado em Filosofia no ano de 1396. Dois anos depois, Huss começou ensinar na Universidade, e em 1401, veio a ser o seu reitor. Em 1400, Huss foi separado como padre e foi-lhe entregue a responsabilidade da prestigiada Capela de Belém. Após o casamento do rei inglês, Ricardo II da Inglaterra com Ana, filha do

imperador Carlos IV da Boêmia em 1382, os ensinamentos de Wycliff foram logo introduzidos no país. Estudando-os bem de perto, Huss começou não só a pregar, como também traduzir as obras de Wycliff na língua Tcheca. Pregador e Precursor da Reforma na Boêmia. Em 1403, Jan Huss se propôs a reformar a Igreja Romana na Boêmia, ensinando que o papado não tinha nenhuma autoridade de oferecer a remissão dos pecados através da venda de indulgências, como também questionou a legitimidade dos dois papas rivais Gregorio XII e Alexandre V. Por esta razão, em 1408, os descontentes padres e colegas da Universidade de Praga condenaram a Huss, e como resultado, foi proibido de exercer suas funções eclesiásticas em Praga. Um ano depois, ele recebe novas acusações de estar ensinando heresias; mas não para de pregar na Capela de Belém. Em 1411, Huss é excomungado de sua congregação, e todos os cultos, cerimônias de batizado e funeral foram anuladas. Tal ato trouxe grande revolta nos cidadãos de Praga, os quais defenderam a Huss. O cúmulo da corrupção papal sucedeu em 1412, quando João XXIII lançou uma cruzada contra o Rei Ladislau de Nápoles, e ofereceu a remissão completa de pecados a todos os que participassem na guerra, ou a venda da indulgência para os que a suportassem. Ao ouvir tal notícia contrária a todos os preceitos bíblicos, Huss se levanta e ataca o papado de usar sanções espirituais e indulgências para fins pessoais e políticos. Em contra-ataque, Jan Huss foi excomungado de Roma e obrigado a deixar Praga. A Intimidação se Inicia Durante o seu exílio, Huss teve a oportunidade de concluir uma de suas obras mais importantes, “De Ecclesia”. No ano de 1414, os líderes da Igreja Romana se reuniram para um Concílio em Constança (atualmente na Alemanha), e John Huss foi convocado a comparecer a fim de esclarecer seus ensinos controvérsiais com o da Igreja. O imperador Boêmio, Sigismund, prometeu salvo-conduto, mas, após um mês em Constança, os seguidores do Papa João XXIII o prenderam, e ele foi impelido pelo Concílio de se retratar. Huss permaneceu preso durante os sete meses de seu julgamento, e pouca oportunidade foi-lhe dada de se defender. Por não voltar atrás, Jan Huss foi condenado como hereje, despido e queimado na estaca fora da cidade no dia 6 de julho de 1415. Huss morreu cantando o hino em grego “Kyrie eleeson” (Senhor tem misericórdia). O local de sua morte é marcado até hoje com uma pedra memorial. Como Wycliff, Huss lutou pela reforma da Igreja pagando o preço com sua vida. Os perseguidores destruíram o corpo, mas não os ensinos de Huss, que foi espalhado por toda a Europa por seus

discípulos mais radicais, conhecidos como Taboritas. Estes rejeitaram tudo na fé e na prática da Igreja Romana que não se encontrasse na Bíblia. Destes discípulos surgiu a Igreja Moraviana, a qual se tornou mais tarde numa das igrejas de mais visão missionária da História da Igreja. O resultado do trabalho de Huss e de tantos outros foi vista um século depois, na pessoa de Lutero.

William Tyndale nascido em 1494, na parte oeste da Inglaterra, Tyndale graduou-se na Universidade de Oxford em 1515, onde estudou as Escrituras no Hebraico e no Grego. Quando tinha 30 anos, fez uma promessa que haveria de traduzir a Bíblia para o Inglês, a fim de que todo o povo, desde o camponês até a corte real, pudesse ler e compreender as Escrituras em sua própria língua. A Igreja Católica proibia severamente qualquer pessoa leiga ler a Bíblia. Segundo o clero, o povo simples não podia compreender as Sagradas Letras, e tinha que ter a sua ajuda.

A interpretação era feita segundo a sua conveniência, e esta para fins políticos e financeiros. O Reformador Inglês e Tradutor da Bíblia. Com este desejo em seu coração, Tyndale partiu para Londres em 1523, buscando um lugar que pudesse dar início ao seu projeto. Não sendo recebido pelo bispo de Londres, Humphrey Munmouth, um comerciante de tecido, lhe deu todo apoio necessário. Em 1524, Tyndale foi obrigado a deixar a Inglaterra e partir para Alemanha, para dar continuidade ao seu trabalho, em vista das grandes perseguições por parte da Igreja Católica. A proibição da leitura da Bíblia agravou-se de tal maneira, que até mesmo se uma criança recitasse a oração do “Pai Nosso” em inglês, toda sua família era condenada a ser queimada na estaca. Na Alemanha, ele se estabeleceu na cidade de Hamburgo, e provavelmente conheceu a Martinho Lutero, pois eram contemporâneos. Ambos traduziram o Novo Testamento baseado no Manuscrito Grego compilado por Erasmo em 1516. William Tyndale concluiu a tradução do Novo Testamento em 1525. Quinze mil cópias em seis edições foram impressas pela proteção de Thomas Cromwell, um viceregente do rei Henrique VIII, e contrabandeadas através de comerciantes para a Inglaterra, entre os anos de 1525 a 1530.

Começo da intimidação:

As autoridades da Igreja Romana deram ordem para confiscar e queimar todas as cópias da tradução de Tyndale, porém eles não podiam parar o fluxo da entrada de Bíblias vindas da Alemanha para a Inglaterra. Até

mesmo na Escócia, os mercadores escoceses estavam levando a Bíblia para o seu povo. O próprio William não podia regressar à Inglaterra, pois estava sendo buscado e tido como um "fora- dalei", a leitura de seus escritos e tradução haviam sido legalmente proibidos. Contudo, ele continuou suas revisões e correções até que sua edição final do Novo Testamento foi cumprida em 1535. Com esta conclusão, Tyndale iniciou a tradução do Velho Testamento, porém não viveu bastante a ponto de terminá-la. Ele traduziu o Pentateuco, o livro de Jonas e alguns livros históricos. Em Maio de 1535, Tyndale foi preso e levado a um castelo perto de Bruxelas onde ficou aprisionado por mais de um ano. Durante este tempo, um de seus companheiros, Miles Coverdale, concluiu a tradução do Velho Testamento, baseada na tradução de seu companheiro. Chegou o dia do julgamento de William Tyndale, ele foi condenado à morte por haver colocado as Escrituras na mão do povo inglês. No dia 6 de estrangulado e logo depois de público. Porém, suas últimas palavras antes de morrer foram: "Senhor, abre os olhos do Rei da Inglaterra."
Outubro de 1536, ele foi queimado na estaca em

A REFORMA PROTESTANTE

Um grande acontecimento, que despertou a atenção geral e ficou mundialmente conhecida foi a Reforma Protestante, iniciada na Alemanha, espalhou-se por todo o norte da Europa e teve como resultado o estabelecimento de igrejas nacionais que não prestavam obediência a Roma. A invenção da imprensa veio a ser um arauto e aliado da Reforma que se aproximava. Essa descoberta foi realizada por Gutenberg, em 1455, em Mogúncia, no Reno, e consistia em imprimir livros. Antes de se inventar a imprensa, os livros eram copiados a mão; uma Bíblia, na Idade Média, custava o salário de um ano de um operário. É significativo o fato de o primeiro livro impresso por Gutenberg haver sido a Bíblia Sagrada, demonstrando, assim o desejo dessa época. A imprensa possibilitou o uso comum das Escrituras, e incentivou a tradução e circulação da Bíblia, prontamente se convenciam de que a igreja estava muito distante do ideal do Novo Testamento. Nessa época começou a surgir na Europa o espírito nacionalista. A igreja de Roma ficava muito distante, e o povo não se conformava com a contribuição do "óbolo de São Pedro", para sustentar o

papa e para construção de majestosos templos em Roma. O papa Leão X, em razão da necessidade de avultadas somas para as obras do templo de S. Pedro em Roma, permitiu que seu enviado, João Tetzel, percorresse a Alemanha efetuando vendas de bulas, assinadas pelo papa, as quais, diziam, possuir a virtude de conceder perdão de todos os pecados, não só aos possuidores da bula, mas também aos amigos, mortos ou vivos em cujos nomes fossem as bulas compradas, sem necessidade de confissão com os sacerdotes. Tetzel fazia afirmação ao povo "Tão depressa o vosso dinheiro caia no cofre, as almas de vossos amigos subirá do purgatório ao céu". Lutero, por sua vez, começou a pregar contra Tetzel e sua campanha de vendas de indulgências, denunciando como falso esse ensino. A data exata pelos historiadores como início da grande Reforma foi registrada, como 31 de outubro de 1517. Na manhã desse dia, Martinho Lutero afixou na porta da Catedral de Witrtembrg, um pergaminho que continha noventa e cinco teses ou declarações, quase todas relacionadas com a venda de indulgências; porem em sua aplicação atacava a autoridade do papa e do sacerdócio. As prolongadas controvérsias e as publicações de folhetos que tornaram conhecidas as opiniões de Lutero em toda a Alemanha, seus ensinos foram formalmente condenados. Lutero foi excomungado por uma bula do papa Leão X, no mês de junho de 1520. Pediram então ao leitor Frederico da Saxônia que entregasse preso Lutero, a fim de ser julgado e castigado; entretanto, em vez de entregar, Frederico deu proteção, para Lutero, pois simpatizava com as suas idéias. Martinho Lutero recebeu a excomunhão com um desafio, classificando-a de bula do anticristo, e no dia 10 de dezembro de 1520, Lutero queimou a bula, em reunião pública, a porta de Wittemberg, diante de uma assembléia de professores, estudantes e do povo, em ato desafiador, também queimou juntamente com a bula as cópias dos cânones ou leis estabelecidas por autoridades romanas. Esse ato constituiu a renúncia definitiva de Lutero da igreja Romana. Em 1521 Luterana foi citado a comparecer à Dieta do Concílio Supremo do Remo. O novo Imperador Carlos V concedeu um salvo conduto a Lutero, para comparecer em Worms, apesar de advertido por seus amigos de que poderia ter a mesma sorte de João Huss, que nas mesmas circunstâncias, no Concílio de Constância, em 1415, apesar de possuir um salvo-conduto foi morto por seus inimigos, Lutero respondeulhes: "Irei a Worms ainda que me cerquem tantos demônios quantos são as telhas dos telhados". Finalmente, no dia 17 de abril de 1521 Lutero compareceu ante a Dieta,

presidida pelo Imperador. Em resposta a um pedido para que se retratasse, e negasse o que havia escrito, após algumas considerações respondeu que não podia retratar-se, a não ser que fosse desaprovado pelas Escrituras e pela razão, e terminou com estas palavras: “Aqui estou; não posso fazer outra coisa, que Deus me ajude Amém”. Instaram com o imperador Carlos para que prendesse Lutero, apresentando como razão, que a fé não podia ser confiada a hereges; contudo, Lutero pode deixar Worms em paz; enquanto viajava de regresso à sua cidade, Lutero foi cercado e levado por soldados do leitor Frederico para o castelo de Wartzburg, na Turíngia, onde permaneceu Lutero guardado em segurança e disfarçado, durante um ano, enquanto as tempestades de revolta e guerra rugiam por todo o Império.

Durante esse tempo, Lutero não permaneceu ocioso, traduziu o Novo Testamento para a língua alemã, obra que por si só o teria imortalizado, essa versão é considerada o fundamento do idioma alemão escrito. Isto aconteceu no ano 1521; o Antigo Testamento só foi completado alguns anos mais tarde. Ao regressar do castelo de Wartzburg, Lutero reassumiu a direção do movimento a favor da igreja Reformada, exatamente a tempo de salvá-la de excessos extravagantes. A divisão de vários estados alemães, em ramos Reformados e Romanos, deu-se entre o Norte e o Sul. Os príncipes meridionais, dirigidos pela Áustria, aderiram a Roma, enquanto os do Norte se tornaram seguidores de Lutero. Em 1529 a Dieta reuniu-se na cidade de Espira, com o objetivo de reconciliar as partes em luta. Nessa reunião da Dieta os governadores católicos, que tinham maioria, condenaram as doutrinas de Lutero. Os príncipes resolveram impedir (proibir) qualquer ensino do luteranismo nos Estados em que dominassem os católicos; ao mesmo tempo determinaram que nos Estados em que governassem os luteranos, os católicos poderiam exercer livremente a sua religião. Os príncipes luteranos protestaram contra essa lei desequilibrada e odiosa; desde esse tempo ficaram conhecidos como **protestantes**, e as doutrinas que defendiam também ficaram conhecidas como religião Protestante.

A REFORMA EM OUTROS PAÍSES

Enquanto a Reforma estava ainda em início na Alemanha, eis que o mesmo espírito despertou também em muitos países da Europa. No Sul, como na Itália e Espanha, a Reforma foi sufocada impiedosamente. Na França e nos Países Baixos a causa da Reforma pendia na balança da incerteza, e em todas as nações de Norte a nova religião apresentava-se vitoriosa sobre toda a oposição romana e começava a dominar esses Países. O reino escandinavo, que nessa época se compunha da Dinamarca, Suécia e Noruega, sob um mesmo governo, recebeu prontamente os ensinos de Lutero, os quais tiveram a simpatia de rei Cristiano II. As lutas políticas e a guerra civil, durante algum tempo paralisaram o progresso da Reforma. Porém, finalmente, os três países aceitaram as idéias luteranas. O protestantismo sofreu um golpe quase mortal, no terrível massacre da noite de São Bartolomeu, em 24 de agosto de 1572, quando quase todos os chefes protestantes e milhares de seus adeptos foram covardemente assassinados, cerca de 20.000 a 70.000 pessoas, isso acorreu na França, mas uma parte do povo francês continuou protestante. A rainha Elisabete, quando assumiu o trono da Inglaterra abriu as prisões dos encarcerados protestantes e os exílios foram revogados, a Bíblia foi novamente divulgada, e durante seu longo governo, denominado a "época de Elisabete", a mais religiosa da história inglesa, a igreja da Inglaterra firmou se outra vez e tomou a forma que dura até hoje. A igreja Presbiteriana, segundo foi planejada por João Knox, veio a ser a igreja da Escócia.

Cinco princípios para o surgimento da Reforma 1º) A verdadeira religião está baseada nas

Escrituras.
2º) Os católicos romanos haviam substituído a
autoridade da Bíblia pela autoridade da igreja.
3º) Ensinavam que a igreja era infalível e que
autoridade da Bíblia procedia da autorização da igreja. 4º) Proibiam a leitura da Escritura aos leigos e
opunham obstáculos à sua tradução na linguagem usada pelo
povo.
5º) Os reformadores afirmavam que a Bíblia
continha as regras de fé e prática, e que jamais se devia
aceitar nenhuma doutrina que não fosse ensinada pela Bíblia.

A Reforma devolveu ao povo a Bíblia que se havia perdido. Foi pela atitude dos reformadores, e através dos países protestantes, que a Bíblia conseguiu a circulação que hoje tem, a qual se conta aos milhões, anualmente. Os cultos de adoração em todas as igrejas católicas romanas eram em latim, porém nas igrejas protestantes, os cultos eram realizados nos idiomas usados por seus adoradores.

A CONTRA REFORMA

Logo após haver-se iniciado o movimento da Reforma, um poderoso esforço foi também iniciado pela igreja católica romana no sentido de recuperar o terreno perdido na Europa, para destruir a fé protestante e para enviar missões católicas romanas a países estrangeiros, esse movimento foi chamado Contra-Reforma. Tentou-se fazer a reforma dentro da própria igreja, por via do Concílio de Trento, convocado no ano de 1545 pelo papa Paulo III, principalmente com o objetivo de investigar os motivos e por fim aos abusos que deram causa a Reforma. O Concílio reuniu-se em datas diferentes e lugares diversos, porém a maioria das vezes em Trento, na Áustria a 120 quilômetros ao norte de Veneza. O Concílio era composto de todos os bispos e abade da igreja, e durou quase vinte anos, durante os governos de quatro papas, de 1545 a 1563. Todos esperavam que a separação entre católicos e protestantes tivesse fim, e que a igreja ficaria outra vez unida; contudo, tal coisa não sucedeu. A influência na ContraReforma foi a Ordem dos Jesuítas, fundada em 1534 pelo espanhol Inácio de Loyola. Seu principal objetivo era combater o movimento protestante. Tornou-se tão poderosa a Ordem dos Jesuítas, que teve contra ela a oposição mais severa, até mesmo nos países católicos; foi suprimida em quase todos os países da Europa, e por decreto do papa Clemente XIV, no ano de 1773, a Ordem dos Jesuítas foi proibida de funcionar dentro da igreja. Apesar desse fato, ela continuou a funcionar, secretamente durante algum tempo, mais tarde abertamente, e foi reconhecida pelo papa em 1814. Hoje é uma das forças mais ativas para divulgar e fortalecer a igreja católica romana em todo o mundo.

MARTINHO LUTERO

Indiscutivelmente a figura principal da Reforma foi Martinho Lutero, o fundador da civilização protestante, nasceu em Eislebem, em 1483; era filho de um mineiro; com muito sacrifício o pai enviou Lutero a estudar na Universidade de Erfurt. Lutero desejava ser advogado, porém, repentinamente sentiu o chamado para a carreira de monge, e entrou para um mosteiro depressa capacidade. Foi enviado a Roma, em 1510, mas voltou desiludido pelo que viu relativo ao mundanismo e a maldade na igreja. No ano 1511 iniciou sua campanha de reformador, condenando a venda de "Indulgência", ou perdão de pecados, e como já lemos, afixaram as famosas 95 teses na porta da igreja de Wittemberg. Ao ser excomungado, foi intimado a comparecer a Roma; por fim foi condenado pelo papa Leão X; Lutero, então, queimou a bula ou decreto do papa, em 1520. Foi na Dieta de Worms, em 18 de abril de 1521, que Lutero deu sua célebre resposta, que ao regressar ao lar, corria perigo de ser assassinado por seus inimigos. Surgiram então seus amigos, levaram-no para o castelo de Wartzburg, onde ficou escondido durante um ano.
dos Agostinianos. Foi ordenado monge, e bem

chamou a atenção de seus pais para a sua

Foi ali que realizou a tradução do Novo Testamento para o Alemão. Ao regressar a Wittemberg, assumiu novamente a direção do movimento da Reforma. No ano de 1529, fez-se um esforço para unir os seguidores de Lutero e os de Zuíglio, porém não se obteve êxito em razão do espírito firme e inflexível de Lutero. Entre muitos escritos que circulara em toda a Alemanha de autoria de Lutero, o de maior influência foi, sem dúvida, sua incomparável tradução do Novo Testamento da Bíblia e o conhecidíssimo hino Castelo Forte. Lutero morreu quando visitava o local em que nasceu em Eisleben, em 18 de fevereiro de 1546, aos 63 anos de idade.

AS NOVENTA E CINCO TESES

NA PORTA DA IGREJA DE WITTEMBERG

1. Nosso Mestre o Senhor Jesus Cristo, quando disse: “fazei penitência”, quis afirmar que toda a vida dos crentes fosse de arrependimento.
2. Esta palavra não pode ser interpretada como penitência sacramental, isto é, a confissão e a satisfação que administram os sacerdotes.
3. Todavia, não significa somente arrependimento interior; não, pois não há arrependimento interior que não se manifeste no exterior em diversas mortificações da carne.
4. A penalidade do pecado, por conseguinte, continua, enquanto durar o aborrecimento de si mesmo; porque este é o verdadeiro arrependimento interior, e continua até nossa entrada no reino dos Céus.
5. Ao papa não compete remir, nem pode remir outras penas que as que ele mesmo tem posto, seja por sua própria autoridade, ou pela autoridade dos cânones.
6. O papa não pode remir nenhuma culpa, senão somente declarar que tem sido remida por Deus e afirmar a remissão divina, se bem é certo que pode conceder remissão em casos reservados a seu critério. Se fosse menosprezado o seu direito em tais casos, a culpa permaneceria inteiramente sem perdão.
7. Deus não redime a culpa daqueles que não se submeterem humildemente ao sacerdote.
8. Os cânones penitenciais somente podem ser aplicados aos vivos e não aos mortos.
9. O papa, pelo Espírito Santo, é benévolo, pois sempre faz exceções em seus decretos do artigo de morte e de necessidade.
10. Os sacerdotes que, no caso dos moribundos, reservam as penitências canônicas para o purgatório, são ignorantes e malvados.
11. Esta alteração de penitência canônica à do purgatório é uma cizânia semeada enquanto os bispos dormiam. 12. Antigamente as penas canônicas eram colocadas antes da absolvição como prova da verdadeira contrição.
13. A morte liberta o moribundo de toda penalidade crônica. 14. A saúde imperfeita da alma provoca necessariamente grande medo ao moribundo.
15. Esse medo é em si suficiente para construir as penas do purgatório.
16. O céu, purgatório e inferno diferem entre si como diferem o desespero, o quase desespero e a segurança perfeita. 17. É necessário que se aumente a amor e se diminua o ódio para com as almas do purgatório.
18. Nem a razão, nem as Escrituras asseguram que elas estão do alcance do amor.

19. Tampouco está provado que alas conheçam sua bemaventurança, ainda que nós estejamos certos disso. 20. Por conseguinte, quando papa fala de "completa remissão das penas" não se refere a "todos", senão àquelas impostas por ele.
21. Os missionários de indulgências, portanto, se iludem quando dizem que pela indulgência do papa o homem se liberta de todo o castigo e se salva.
22. Porque, por intermédio dela, não se redime as almas do purgatório de nenhuma pena que deveria pagar nesta vida. 23. Se fosse possível conceder a remissão de todas as penas, somente poderia conceder-se para os mais perfeitos, isto é, de um pequeno número.
24. Por conseguinte, a maior parte do povo está enganada por esta indiscriminada e altissonante promessa de libertação de pena (pelos pregadores de indulgências).
25. O mesmo poder que o papa tem sobre o purgatório em toda a igreja, cada bispo o tem em particular na sua diocese e cada cura na sua paróquia.
26. O papa faz bem quando concede remissão às almas (do purgatório), não pelo poder das chaves, senão pela intercessão.
27. Eles pregam que no momento que a moeda tinir no fundo do cofre, a alma sai do purgatório.
28. O que sucede quando tinir a moeda é que a ganância e a avareza aumentam, mas o resultado da intercessão da igreja está no poder de Deus somente.
29. Quem sabe se todas as almas do purgatório querem sair dali, como nas lendas de S. Severino e S. Pascoal? 30. Ninguém está seguro de que sua própria contrição seja sincera; muito menos que se tenha obtido plena remissão. 31. Tão raro quanto o homem que é verdadeiro penitente é aquele que verdadeiramente compra indulgência.
32. Aqueles que imaginam estar seguros de sua salvação pelas cartas de indulgências serão condenados com os que assim os ensinam.
33. Os homens devem guardar-se daqueles que dizem que o perdão do papa é um dom inapreciável de Deus.
34. Porque "essas graças" somente dizem respeito às penas sacramentais impostas pelo homem.
35. Ensinam doutrinas anticristãs aqueles que pretendem que para livrar uma alma do purgatório, ou comprar uma indulgência, não é necessário nem dor nem arrependimento. 36. Todo cristão que sente verdadeiro arrependimento pelos seus pecados, tem direito a uma completa remissão

do castigo da culpa, sem que para isso necessite de indulgência. 37. Todo verdadeiro cristão, morto ou vivo, participa de todos os bens de Cristo ou da igreja, pela graça de Deus e sem bula de indulgência.
38. A remissão papal não deve ser desprezada, não obstante, porque, como se tem dito, é a declaração da remissão divina. 39. É dificílimo, ainda recomendar ao povo ao indulgências e a necessidade de verdadeira contrição. 40. O verdadeiro arrependimento e a verdadeira dor buscam e amam o castigo; porém a benignidade da indulgência absolve do castigo e faz conceber aversão a ele.
41. Os perdões apostólicos (papais) devem ser pregados com cautela para que não se tomem como preferidos às boas obras do amor.
42. Convém ensinar aos cristãos que o papa não pensa nem quer que se compare em nada o ato de comprar as indulgências a uma obra qualquer de misericórdia.
para os mais hábeis teólogos, mesmo tempo e abundância de 43. Convém ensinar aos cristãos que aquele que dá aos pobres ou empresta sem interesse, obra melhor do aquele que compra uma indulgência.
44. Efetivamente a obra da caridade faz aumentar a caridade e torna o homem mais piedoso; enquanto que a indulgência não o torna melhor, porém somente mais confiado em si mesmo, julgando-se abrigado do castigo.
45. Deve-se ensinar aos cristãos que quem, ao invés de ajudar a quem está necessitado, compra uma indulgência, não compra indulgência do papa senão a indignação de Deus. 46. É preciso ensinar aos cristãos que, salvo que tenha mais do que necessitem para eles a sua família, não devem desperdiçar em indulgências.
47. Deve-se ensinar aos cristãos que a compra de indulgências é questão de livre arbítrio.
48. É preciso ensinar aos cristãos que o papa, tendo mais necessidade de uma oração feita com fé do que de dinheiro, deseja mais as orações do que o dinheiro quando distribui as indulgências.
49. É preciso ensinar aos cristãos que a indulgência do papa é boa se não depositarem nele a menor confiança; porém, que não há nada mais prejudicial se ela faz perder o temor de Deus.
50. É preciso ensinar aos cristãos que, se o papa conhecesse as exações dos pregadores de indulgências, preferiria que a metrópole de São Pedro fosse queimada e reduzida a cinzas, do que vê-la edificada com a pele, a carne e

os ossos de suas ovelhas.
51. É preciso ensinar aos cristãos que o papa, como é de seu dever, distribuiria se necessário, seu próprio dinheiro entre as pessoas pobres, a quem os pregadores de indulgências tiram hoje até o último vintém, ainda que, para isso, tivesse de vender a Basílica de São Pedro.
52. A esperança de ser salvo pelas indulgências é uma esperança vã e mentirosa, ainda que
indulgências, ou mesmo o papa,
empenhasse a sua alma.
o comissário das para confirmá-la,

53. São inimigos de Cristo e do papa os que suspendem a pregação da Palavra de Deus nas igrejas para que se possam pregar as indulgências.
54. Ofende-se à Palavra de Deus quando, no mesmo sermão, se dá igual ou mais tempo às indulgências do que à própria Palavra.
55. O papa não pode ter outro pensamento senão este: “Se a indulgência, que é menor que o Evangelho, é anunciada com o repique de um sino e, com pompa e cerimônia, muito mais deve-se solenizar o anúncio do Evangelho, que é mais do que a indulgência, com repique de cem sinos, e com pompas e cem cerimônias”.
56. Os “tesouros da igreja” dos quais o papa concede indulgências, não são suficientemente mencionados ou conhecidos entre o povo.
57. Que não são tesouros temporais á evidente.
58. Tampouco são os méritos de Cristo e dos santos, porque estes obram sem necessidade do papa.
59. São Lourenço dizia que os tesouros da igreja eram os pobres da igreja, mas falava com palavras de sua época. 60. Sem audácia dizemos que as chaves da igreja, dadas, pelos méritos de Cristo, são esses tesouros.
61. Porque está claro que para a remissão das penalidades e dos casos reservados, basta o poder do papa.
62. O verdadeiro tesouro da igreja é o santíssimo Evangelho da glória e da graça de Deus.
63. Mas este tesouro é naturalmente odiado, porque faz com que os primeiros sejam os últimos.
64. O tesouro das indulgências é mais aceitável, naturalmente, porque faz que os últimos sejam os primeiros.
65. Os tesouros da igreja são destinados primeiramente a pescar homens de

riqueza.
66. Os tesouros das indulgências são redes para pescar as riquezas dos homens.
67. As indulgências que os pregadores anunciam com as “maiores graças” o são na medida em que aumentam os galhos.
68. Contudo, são na verdade as graças menores, comparadas com a graça de Deus e a piedade da Cruz.
69. Os bispos e curas devem advertir os comissários das indulgências apostólicas com toda a reverência.
70. Mas, ainda mais, obrigados estão a abrir os olhos e ouvidos, para que esses homens não preguem suas próprias fantasias em lugar da comissão do papa.
71. Seja anátema todo aquele que falar contra as indulgências do papa.
72. Porém seja bendito aquele que falar contra as palavras loucas e imprudentes dos pregadores de indulgências. 73. O papa condena justamente os que, por qualquer arte, prejudicam o tráfico de indulgências.
74. Mas muito mais pretendo condenar aqueles que usam o pretexto das indulgências para prejudicar o amor e a verdade. 75. Pensar que as indulgências papais são tão grandes que possam absolver um homem que tenha cometido um pecado impossível e violado a mãe de Deus, é uma loucura. 76. Dizemos, pelo contrário, que as indulgências papais não podem tirar o menor pecado venial, no que concerne à culpa. 77. Diz-se que próprio São Pedro, se fosse papa agora, não poderia conceder maiores graças; isto é uma blasfêmia contra São Pedro e contra o papa.
78. Afirmamos, pelo contrário, que qualquer papa tem maiores graças à sua disposição; a saber, do Evangelho, dons de cura, etc. (como se diz em I Co 12).
79. Dizer que a cruz guarnecida com as armas do papa (que levantam os vendedores de indulgências) tem o mesmo poder que a cruz de Cristo, é uma blasfêmia.
80. Os bispos, os pastores, e teólogos que consentem que se digam tais coisas ao povo, hão de dar conta disso a Deus. 81. Esta descarada pregação das indulgências faz com que seja difícil, mesmo para os sábios, defenderem a dignidade e a honra do papa, contra as calúnias ou mesmo as perguntas sutis e astutas dos leigos.
82. Por exemplo: “Por que o papa não esvazia o purgatório, por puro amor santo e pela espantosa necessidade das almas que ali estão se redime a um

número infinito de almas pelo miserável dinheiro que necessita para construir uma igreja?”. 83. “Por que continuam as missas pelos mortos, e por que não devolvem ou permitem que sejam retiradas as dotações fundadas em benefício delas, desde que é um erro rogar pelos redimidos?”
84. Qual é a nova piedade de Deus e do papa, que por dinheiro permitem que um ímpio, que é inimigo deles, tire do purgatório a alma de um piedoso amigo de Deus, e não colocam, de preferência, em liberdade essa alma piedosa e amada por puro amor?”
85. “Por que os cânones penitenciais, que há tempo estão de fato abrogados e mortos pelo desuso, há de satisfazer agora pela concessão de indulgências, como se ainda estivessem em vigor?”
86. “Por que o papa, cuja riqueza é hoje maior que a dos mais ricos, não constrói a igreja de São Pedro com o seu próprio dinheiro, em lugar de fazê-lo com o dinheiro dos pobres crentes?”
87. “Que é que o papa pode remir, e que participação concede àquele que, por sua perfeita contrição, têm direito a uma perfeita remissão e participação?”
88. “Que maior benção poderia receber a igreja senão aquele que o papa fizesse cem vezes por dia o que agora faz uma vez, e concedesse a todos os crentes essas remissões e participações?” (A indulgência dava direito ao seu possuidor “a absolvição” uma vez na vida e em artigo de morte). 89. “Posto que o papa, com suas indulgências, busca a salvação das almas mais que o dinheiro, por que suspende as indulgências concedidas até o presente, se têm a mesma eficácia?” (Durante o tempo que se pregava a indulgência do jubileu nos dias de Lutero – todas as demais indulgências estavam suspensas).
90. Reprimir estes argumentos e escrúpulos dos leigos somente pela força, e não lhes dar razões é expor a igreja e o papa à zombaria de seus inimigos e fazer desgraçados os cristãos.
91. Por conseguinte, se as indulgências se pregassem de acordo com a intenção do papa, todas essas dúvidas se resolveriam facilmente; na realidade, não existiriam. 92. Oxalá pudéssemos livrar-nos de todos os pregadores que dizem à igreja de Cristo: Paz! E não há paz.
93. Bem-aventurados aqueles profetas que dizem ao povo de Cristo: “Cruz, cruz” e não há cruz! (porque a cruz deixa de ser cruz tão logo digas gostosamente: “Bendita Cruz, não há árvore como tu”).
94. Deve-se exortar aos cristãos para que sigam diligentemente a Cristo,

mesmo através de penalidade, morte e inferno.
95. E a ter assim confiança de que hão de entrar no céu, antes através de dificuldades que através da segurança da paz.

Autor:
Pr. João Luiz
Bacharel em Teologia,
Bacharel em Direito,
Professor de Escatologia Bíblica,
Escritor, Conferencista Internacional.
Diretor presidente do Instituto Fonte do Saber, Diretor Executivo da Editora Fonte do Saber.